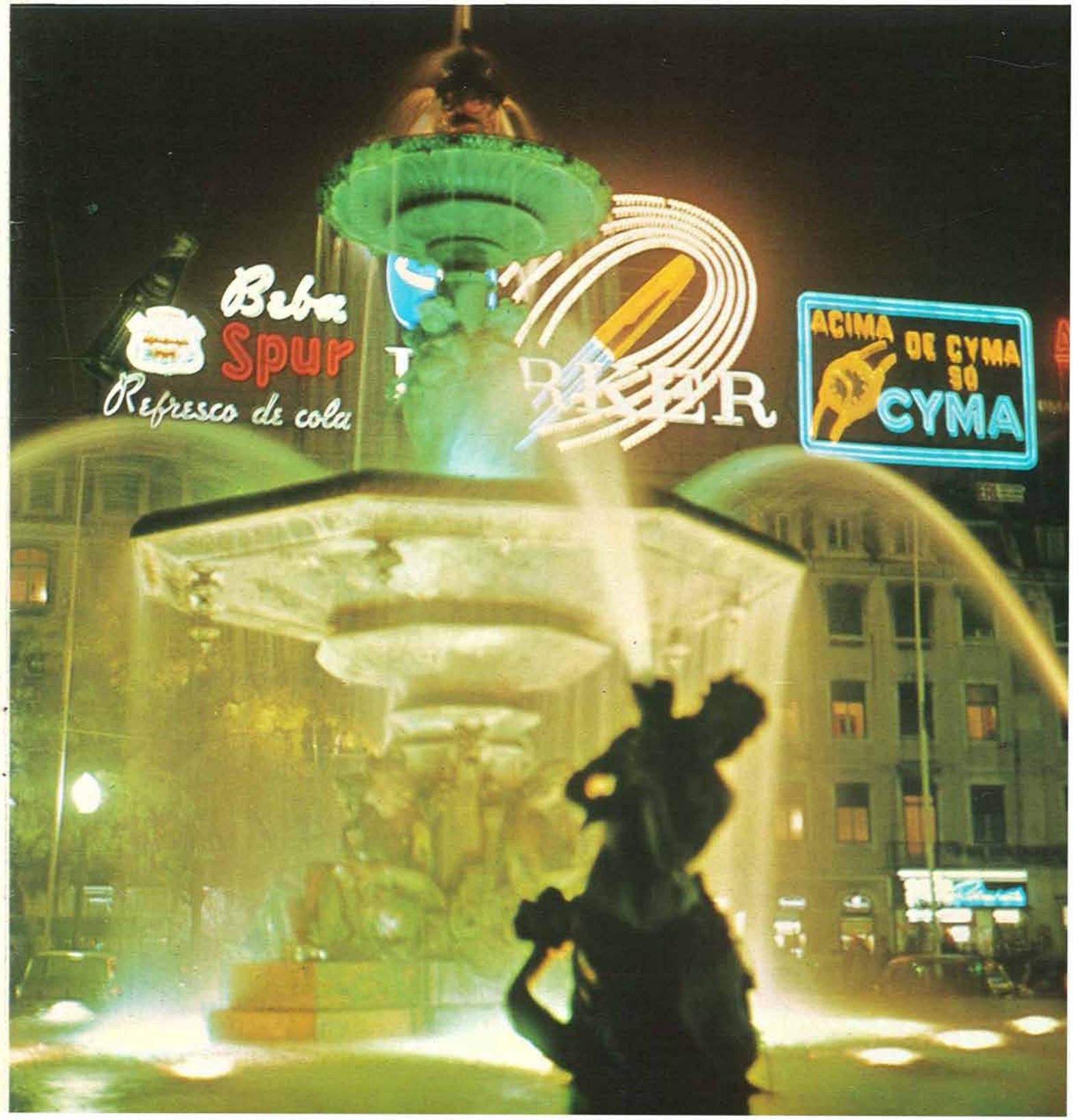
N.º 4 / JANEIRO 1972 / ANO I

revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
A. Neves	**Dr. Bernardino António Gomes** Médico e Homem de Ciência	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	5
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Júlio Dinis – *O Homem e a Obra*	6
S. Elpídio / A. Chuquere	**A Pátria Honrai**	7
O. Lemos	**Bibliografia**	8
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	9
O. Lemos	**Os Cruzeiros de Goa**	10
S. Machado	**Ultramar** A Saúde no Ultramar	14
C. Junça	**Saibam Todos**	16
A. Chuquere	**Curiosidades sobre Astronomia**	17
P. Caeiro	**Desportos**	18
Redacção	**Voz da Abita**	21
S. Elpídio	**Reportagem**	23
C. Junça	**No Mundo Aconteceu**	30
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

NAZARÉ

Fim da Faina

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 4 / JANEIRO DE 1972 / ANO I

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

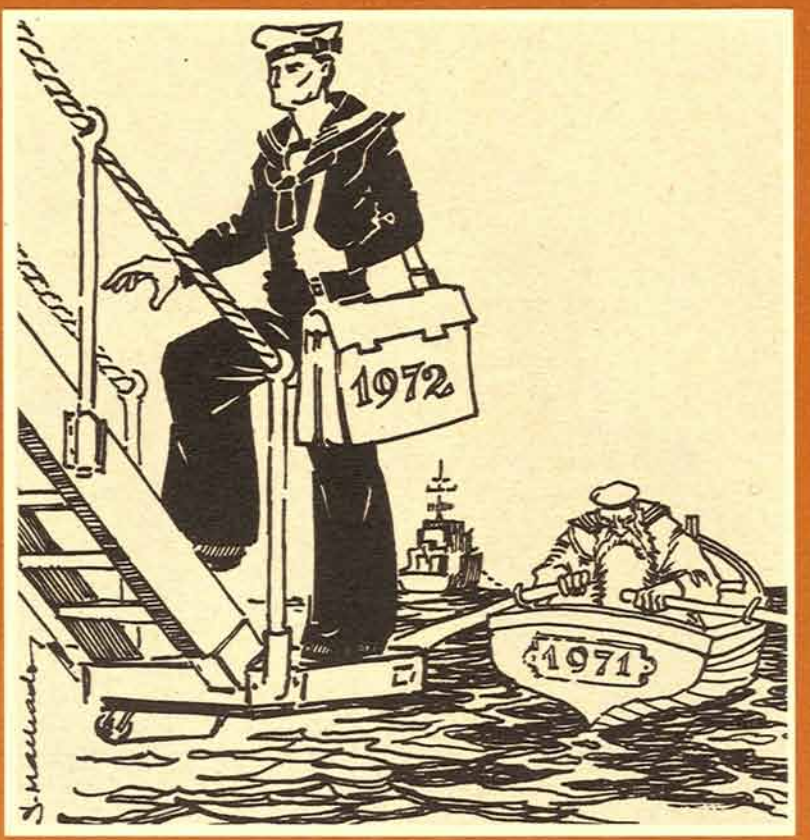
Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil
(Via marítima) 26$00

Na capa:

LISBOA – Rossio
O «Centro do Mundo»
para os marinheiros ausentes
(Foto do cap-ten. EMQ Antunes Lourenço)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura



ANO NOVO

No limiar de um novo ano é costume fazer-se um balanço ao passado e planear o futuro.

A nossa Revista ainda não tem passado porque é muito jovem. Mas, porque é da Armada, sente-se no direito de adoptar o desta, com todas as suas glórias e tradições.

Quanto ao futuro, queremos e havemos de tê-lo, também intimamente ligado ao que estiver reservado à Armada. Tal como ela, sempre colocaremos os interesses da Pátria acima de tudo e de todos; sempre defenderemos a justiça e a honra; sempre lutaremos pelas causas humanas; sempre trabalharemos com os olhos postos no bem comum.

Procuraremos contribuir para que a Armada continue a ser uma grande família sempre unida e onde todos vivam em boa harmonia com base na compreensão.

Temos grande honra em ser os representantes da Armada no mundo da Imprensa, mas sentimos o peso da responsabilidade que esse facto nos acarreta. Atrás de nós há muitos séculos duma História tão bela que às vezes até parece inventada! Descendemos em linha directa dos Gamas e dos Cabrais – e eu dou este nome a todos os marinheiros das descobertas, quer fossem nobres ou plebeus –, somos a geração que sucede a Afonso Cerqueira, Sacadura Cabral, Gago Coutinho, Carvalho Araújo... Sejamos dignos deste grandioso passado e dos homens que o fizeram. Para tanto basta que todos, um por um, sejamos verdadeiramente marinheiros, por dentro e... por fora, de corpo e alma.

Dr. Bernardino António Gomes

Médico
e Homem de Ciência

Busto do Dr. Bernardino António Gomes, em frente ao Hospital da Marinha

À parte baixa do aprazível Campo de Santa Clara, de grande beleza e nobres tradições, foi dado o nome de Largo Dr. Bernardino Gomes. Ao centro, o busto do incansável e esclarecido batalhador, parece contemplar a vida interna do Hospital da Marinha de que fora ilustre director e velar pelas vidas e saúde da gente do mar que tanto amou e defendeu.

Na verdade, à ciência e à boa vontade do notável médico, devem as esquadras aliadas a recuperação de muitos doentes e uma boa parte do seu feliz sucesso nas grandes e memoráveis operações navais contra a Águia Napoleónica.

Nascido em Paredes, a 29 de Outubro de 1768, Bernardino António Gomes, fez os seus estudos em Coimbra com notória eficiência e brilhantismo, con-

cluindo o curso de medicina a 18 de Junho de 1793. Pouco tempo exerce clínica em Aveiro, porque o vemos alistar-se na Armada Real com o posto de Capitão-de-fragata a 9 de Janeiro de 1797 e embarcar numa esquadra a 16 do mesmo mês, rumo ao Brasil. Aí se demora cerca de cinco anos e dedica todos os momentos livres a investigações químicas e botânicas da mais relevante importância e necessidade. As suas descobertas logo são bem aceites e confirmadas pelos mais eminentes médicos e cientistas do seu tempo, que lhes fazem elogiosas referências.

Porém, o laborioso investigador cedo encontra ocasião e necessidade de pôr em prática os seus vastos conhecimentos em situações críticas, e os imediatos e felizes resultados comprovam o valor dos seus ensaios.

Quando, em 1802, houve notícia no reino de que mortífera epidemia de tifo dizimava a nossa esquadra surta no estreito de Gibraltar a ponto de não poder regressar ao Tejo, o Visconde de Anadia, então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, quiz ouvir a sua esclarecida opinião e de tal sorte fica convencido da necessidade de encarregar o preclaro médico da melindrosa situação, que logo o nomeia chefe do serviço de saúde da fragata «Thetis», imediatamente improvisada em navio hospital para socorrer os doentes. Foi uma espinhosa missão que o Dr. Bernardino António Gomes desempenhou perfeitamente, pondo à prova os muitos conhecimentos e experiência adquiridos nas suas mil leituras e trabalhos de laboratório, conseguindo combater a alarmante epidemia, com facilidade, no curto espaço de dois meses. E, nos fins de Junho de 1810, tendo vindo da nossa esquadra estacionada em Gibraltar 445 enfermos atacados de febres contagiosas, foi nomeado médico do Lazareto da Caparica onde tratou os doentes com igual cuidado e muita felicidade.

São notáveis as suas sensacionais e muito úteis descobertas nos campos da Química e da Botânica: A «chinchonina», que antecedeu a descoberta do quinino, fez eco em todo o mundo científico e daí resulta a consequente descoberta e aplicação dos alcalóides em fins terapêuticos. Ainda lhe são devidos: o verdadeiro conhecimento das propriedades vermífugas da romeira, um aturado estudo sobre o valor relativo de vários desinfectantes químicos e muitos outros conhecimentos botânicos e descobertas.

Austero e laborioso, o Dr. Bernardino António Gomes, foi grande amigo da Humanidade sofredora, a ponto do seu humano desvelo o expor a iminentes perigos. Oferece os seus serviços gratuitamente no Hospital de S. Lázaro onde estuda várias enfermidades contagiosas, nomeadamente a lepra e a elefantíase. A ele se deve ainda a Instituição Vacínica.

Homem trabalhador, honesto e constante, começou por conquistar as simpatias e a confiança dos homens esclarecidos e interessados do seu tempo, que admiram e ajudam a expansão e divulgação dos seus conhecimentos e descobertas.

No momento em que o Mundo se sente abalado por intrigas e mesquinhos interesses e em que tanto se precisa e pretende da classe médica, é-nos grato recordar o Homem, o médico e o investigador, que, amando os seus semelhantes e sanificando os seus corpos, em tempo de guerra ou de paz, deu apreciável contributo para o progresso e bem-estar da Humanidade e foi de considerável ajuda para as forças aliadas no caminho da sua gloriosa avançada nas veredas da libertação.

A. Neves
1.º Sarg. H

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE JANEIRO

Em 13 de Janeiro de 1471, João de Santarém e Pedro Escobar descobrem o rio de S. João e o lugar de Samaa, na Costa da Mina, onde se fez pela primeira vez o resgate do ouro.

Em 3 de Janeiro de 1593, morre em S. Miguel, Açores, o navegador João Rodrigues Cabrilho, que fez a primeira viagem de exploração à costa da Califórnia.

Em 5 de Janeiro de 1770, Martinho de Melo e Castro é nomeado secretário de Estado dos Negócios da Marinha e do Ultramar, recebendo as funções militares que estavam entregues ao "capitão-general da armada real dos galeões de alto bordo do mar oceano"

Em 28 de Janeiro de 1898, morre o comandante Roberto Ivens que, com Hermenegildo Capelo, fez a travessia do continente africano em 1877.

M. Horta
1.º sarg. L

Júlio Dinis
o homem e a obra

(No centenário da sua morte)

Júlio Dinis – retrato a lápis por Joaquim Lopes

Há cem anos, justamente a 12 de Setembro de 1871, morria no Porto o escritor Joaquim Guilherme Gomes Coelho, que ficaria conhecido para sempre através do pseudónimo JÚLIO DINIS. Tinha 32 anos quando a morte o levou, trazida pela implacável evolução da tuberculose que durante anos o fora minando e contra a qual lutara com invulgar fortaleza de ânimo. Apesar de se saber condenado pelo terrível mal, a sua obra nem de leve reflecte qualquer desespero ou amargura. É, contràriamente ao que seria de esperar, uma obra cheia de luz e esperança na vida; as suas personagens são gente simples do povo, crescendo, vivendo e morrendo com a naturalidade das almas sãs. A sua pena nunca procurou o êxito na «chafurdice» dos dramas ou existências esquisitas e singulares dos casos anormais das sociedades poluídas.

Escreveu pouco, porque a curta vida não lhe deixou oportunidade para escrever mais. Apesar de formado pela Escola Médica do Porto, preferiu a carreira literária, embora não descurasse a medicina, onde o seu talento se afirmou na regência de cadeiras na mesma Escola Médica. O seu primeiro romance – «As Pupilas do Senhor Reitor» – conheceu uma popularidade que poucas obras portuguesas igualaram. Nas páginas suaves e encantadoras deste romance deixou Júlio Dinis retratada a vida do povo; nele se casam a pureza das almas e a beleza das formas. Com Júlio Dinis se inicia o Realismo na literatura portuguesa.

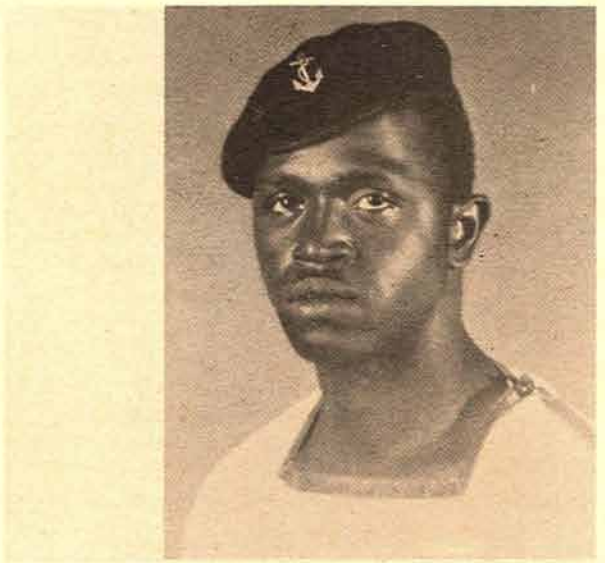
A natural singeleza do seu espírito levava-o a preferir o que havia de bom e belo na alma popular e a deixar de lado as sombras que enegrecem a vida.

Em «Uma Família Inglesa», apesar de nos dar um retrato de uma época e de nos descrever a vida da sociedade inglesa do Porto, fá-lo sem ironias mordazes e sem remexer torpezas. A sua obra de romancista compreende ainda «A Morgadinha dos Canaviais» e «Os Fidalgos da Casa Mourisca». «Serões da Província» é uma colectânea de contos de grande perfeição formal e beleza literária. Com os seus livros aprenderam e aprendem a cultivar a boa e sã linguagem portuguesa gerações sucessivas de jovens nos primeiros passos da sua caminhada pelo ensino secundário.

Bastará isso para lhe devermos a gratidão de uma homenagem e o dever de o lembrar.

O. Lemos

a Pátria honrai



Foi concedida a medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe ao 2.º grumete Fuzileiro Especial n.º 93/69/G LUTAU INJAI, natural da Guiné, do Destacamento n.º 21 de Fuzileiros Especiais, pelas qualidades excepcionais que tem evidenciado como militar e como combatente. Tendo já dado ao serviço das Forças Armadas, sobejas provas de valor, continuou a revelar-se, desde a sua admissão na Força Africana de Fuzileiros, um militar muito disciplinado com elevado sentido das responsabilidades e um combatente de extraordinários recursos. Tomando parte em todas as acções da sua Unidade e ocupando sempre a vanguarda com a sua «bazooka», demonstrou ser, em todos os contactos de fogo com o inimigo, um elemento essencial na manobra táctica da sua secção, conseguindo mais de uma vez, com o seu exemplo de bravura, serenidade, desprezo pela vida e agressividade, galvanizar e arrastar os camaradas.

De salientar também o alto exemplo de espírito de sacrifício revelado quando, no decurso de uma operação, apesar de gravemente ferido se manteve no seu posto de combate até poder ser evacuado. Pela sua conduta e pelos feitos praticados em combate, merece o 2º grumete FZE LUTAU INJAI ser apontado como um português que prestigiou a sua Unidade, a Armada e as Forças Armadas Portuguesas.

CRUZ DE GUERRA

2.ª Classe

1.º Ten. António Aníbal Andrade Batista Lopes – Guiné (1966)
1.º Ten. Rui Vasco Vasconcelos e Sá Vaz – Guiné (1966)
1.º Ten. Isaías Augusto Pinto Gomes Teixeira – Guiné (1966)
2.º Ten. RN José Luis Couceiro – Guiné (1965)
2.º Ten. RN Emílio da Silva Simões – Guiné (1965)

3.ª Classe

2644/2.º Sarg. A – Fernando M. Teixeira – Guiné (1965)
3248/2.º Sarg. FZE – Elias Gaspar dos Reis – Guiné (1965)
8930/c. FZE – Isidoro M. Cernadas – Guiné (1965)

4.ª Classe

6047/2.º Sarg. FZE – José Coelho Coisinhas – Guiné (1966)
9420/c. FZE – Artur M. Dias Inácio – Guiné (1966)
9466/Mar. FZE – António J. Ferreira – Guiné (1966)
9604/Mar. FZE – António de S. R. Dias – Guiné (1966)

bibliografia

DEZ DIAS DE CONVÍVIO COM A MARINHA MILITAR ITALIANA

Da autoria do Comandante José Soares de Oliveira, recebemos a publicação em epígrafe – separata da Revista «Defesa Nacional». Numa magnífica apresentação, primorosa e abundantemente ilustrada, oferece-nos uma cativante perspectiva do que é a Marinha Italiana, obtida através do contacto com os seus Serviços mais importantes: Comandos Superiores, Navios, Estaleiros, Escolas e Museus. Para aqueles que se interessam pela forma como estão organizadas outras Marinhas, no intuito de colher ensinamentos proveitosos, esta obra do Comandante Soares de Oliveira vem certamente ao encontro dos seus desejos. Felicitamos o autor deixando aqui expressos os nossos sentimentos de admiração.

A BÍBLIA DOS POBRES
II – As Categorias (poesia)
de *Agustina Bessa Luiz*

Na sequência do primeiro livro «Homens e Mulheres» surge agora «As Categorias». Voltam a aparecer aqui os temas habituais em outros romances da autora – a concepção da mulher, o fatalismo profético, a infância e a morte, o mistério... É um romance perturbante, em sondagens por caminhos ínvios aos mais escondidos recantos da personalidade, com aspectos desconcertantes que são hoje uma das técnicas correntes do romance do nosso tempo.

POESIA 70 (Antologia)

A editora Inova publicou «Poesia 70», uma antologia em que Egito Gonçalves e Manuel Alberto Valente se deram à tarefa de escolher e reunir 232 poemas de poetas portugueses publicados durante o ano de 1970. Esta obra dá-nos pois uma panorâmica da mais recente poesia portuguesa.

EXERCÍCIOS DE ESTILO
de *Luiz Pacheco*

Luiz Pacheco, um dos mais discutidos escritores de hoje, acaba de nos dar, através da Editorial Estampa, uma colectânea de textos sobre a literatura portuguesa actual, a que chamou «Exercícios de Estilo».

PARALELO 26 S ÀS AUDIÇÕES DO ÍNDICO (Poesia)
de *Rodrigo Emílio*

Eis um livro cujas ressonâncias nos tocam, a nós militares, de uma forma especial. Rodrigo Emílio é um poeta que foi à guerra. E tendo ido, e tendo-a vivido, deixou-nos dela, na sua poesia, uma mão cheia de sentimentos e emoções que o seu canto, todo harmonia e cadência, nos transmite. Há na ressonância dos seus versos evocações directas, sensações sinestésicas da África:

Ruído nenhum
que se estenda
entre o adobe e o capim...
Há, quando muito, um lundum:
lundum
de lenda
landim...

E do jogo da vida e da morte nos vêm imagens que a música dos versos povoa de mistério:

A dois dedos da madrugada
me adianto
para o camarada
morto – e canto, canto
como quem aponta uma espada
ao espaço do próprio espanto!...
Fixar-lhe a face fechada
é agasalhá-lo no manto
do tempo que o arrecada
e cujo tampo levanto
.....
A dois dedos da madrugada
.....
Camarada.
Em pranto, canto!

Poeta soldado, Rodrigo Emílio! Faz-nos bem lê-lo.

O. Lemos

notícias pessoais

Conforme já foi dito no primeiro número, a criação da secção «Notícias Pessoais» visa estreitar cada vez mais o interesse e a camaradagem que na Armada nos liga uns aos outros. Podem, pois, os leitores que assim o entenderem e desejarem enviar à Redacção, com a finalidade de serem publicadas, fotografias de casamentos, reuniões, festas, etc., que oportunamente e sempre que possível incluiremos nesta rubrica.

CASAMENTOS

2.º ten. João Paulo Gonçalves Bárcia casou, em 6-10-71, com D. Maria Margarida Vasques Duarte Nogueira Gonçalves Bárcia.

2.º ten. MN José Luís Marques Barata Valério casou, em 9-10-71, com D. Maria Fátima Soares Morais.

2.º ten. MN José Augusto Vilas Boas Tavares casou, em 18-10-71, com D. Maria de Fátima Lemos de Oliveira.

Subten. RN Ângelo Paulo Garcia Gromicho casou, em 17-10-71, com D. Maria da Conceição Almeida Oliveira.

Subten. RN António da Silva Garrido casou, em 14-11-71, com D. Maria Alice Lima Gonçalves.

2.º sarg. ACM – Canhão casou, em 2-10-71, com D. Maria Inácia S.E. Canhão.

2.º sarg. ARE – Marques casou, em 3-10-71, com D. Helena Florinda O. Marques.

1134/5/c. E – Martins casou, em 7-10-71, com D. Maria Idalina Rodrigues.

1247/65/Mar. L – Pinto casou, em 3-10-71, com D. Maria de Lurdes E. F. T. Pinto.

1050/66/Mar. FZE – Barros casou, em 3-10-71, com D. Maria Celeste da S. G. Amorim.

1378/68 1.º Grt. FZ – Neto casou, em 2-10-71, com D. Antónia Maria G. M. S. Neto.

PASSAGEM À RESERVA

Comodoro Júlio Rosa Vieira Lopes passou à Reserva Aa em 21-11-71, continuando a prestar serviço no Activo.

Comodoro EMQ Serafim António passou à Reserva Aa em 25-11-71.

Cap.-ten. José Manuel de Campos Pires de Matos passou à Reserva da Armada em 3-11-71.

Cap.-ten. SG Raul Martins passou à Reserva Aa desde 4-10-71, continuando a prestar serviço no Activo.

1.º ten. SG João Venâncio Pinheiro passou à Reserva Aa em 9-9-71.

1.º sarg M – A. A. Silva passou à Reserva Aa em 1-10-71.

1.º sarg. L – A. R. Ribeiro passou à Reserva Aa em 1-10-71.

2686/c. S – F. Antunes passou à Reserva Aa em 4-10-71.

3231/Mar. C. – J. V. Custódio passou à Reserva Aa em 12-10-71.

3730/Mar. F. – L. M. Delgado passou à Reserva Aa em 21-10-71.

APOSENTAÇÕES

Francisco Rodrigues de Barros, guarda de 1.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

Manuel Gomes Nunes, guarda de 1ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

Manuel Rodrigues, guarda de 1.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

António Mário Moreira, faroleiro-chefe do quadro do pessoal civil.

Arnaldo de Jesus Coelho, 2.º faroleiro do quadro do pessoal civil.

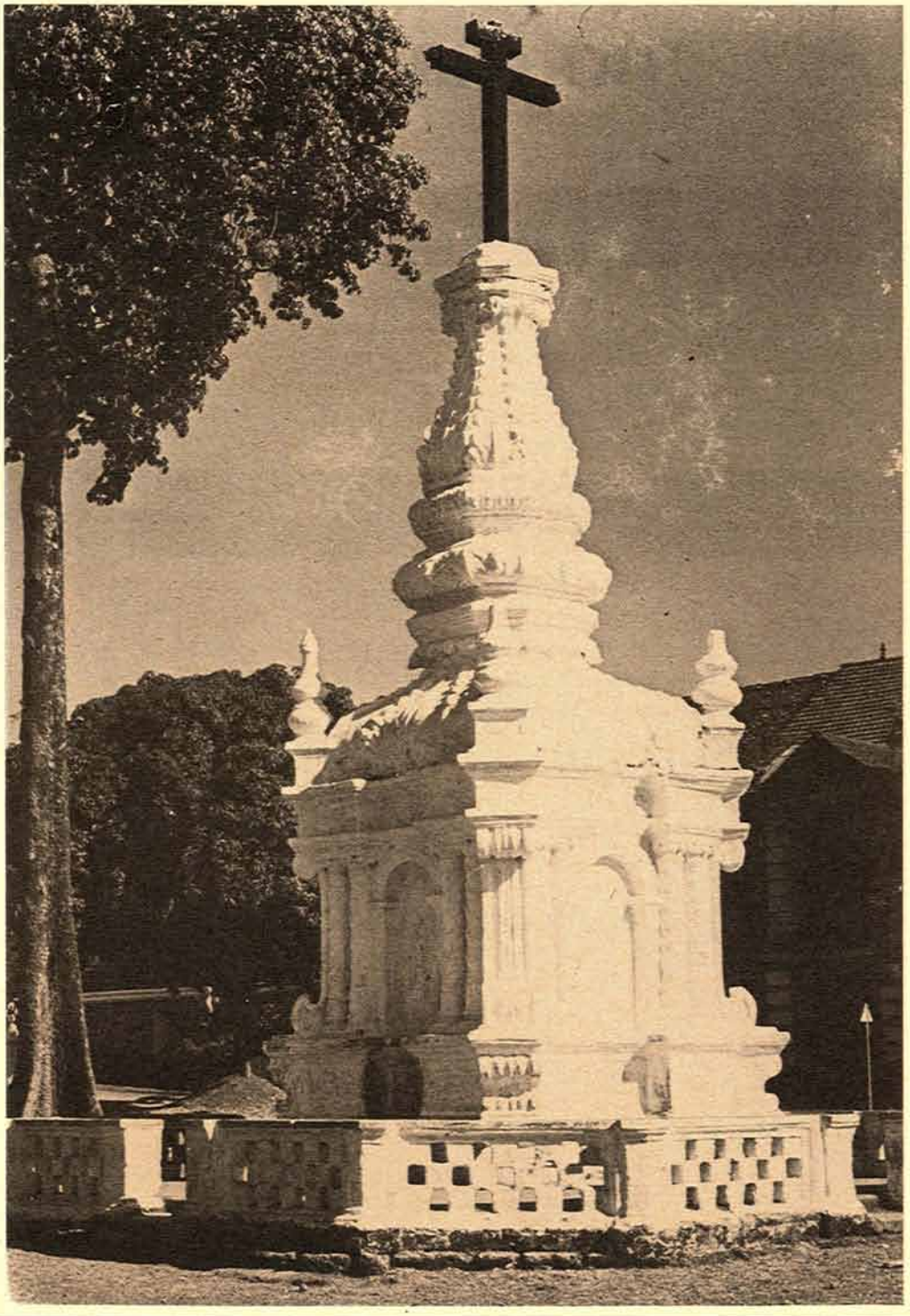
João de Oliveira Gordo, servente especializado.

FALECIMENTOS

1.º ten. SG RAa Manuel dos Santos faleceu em 10-10-71.

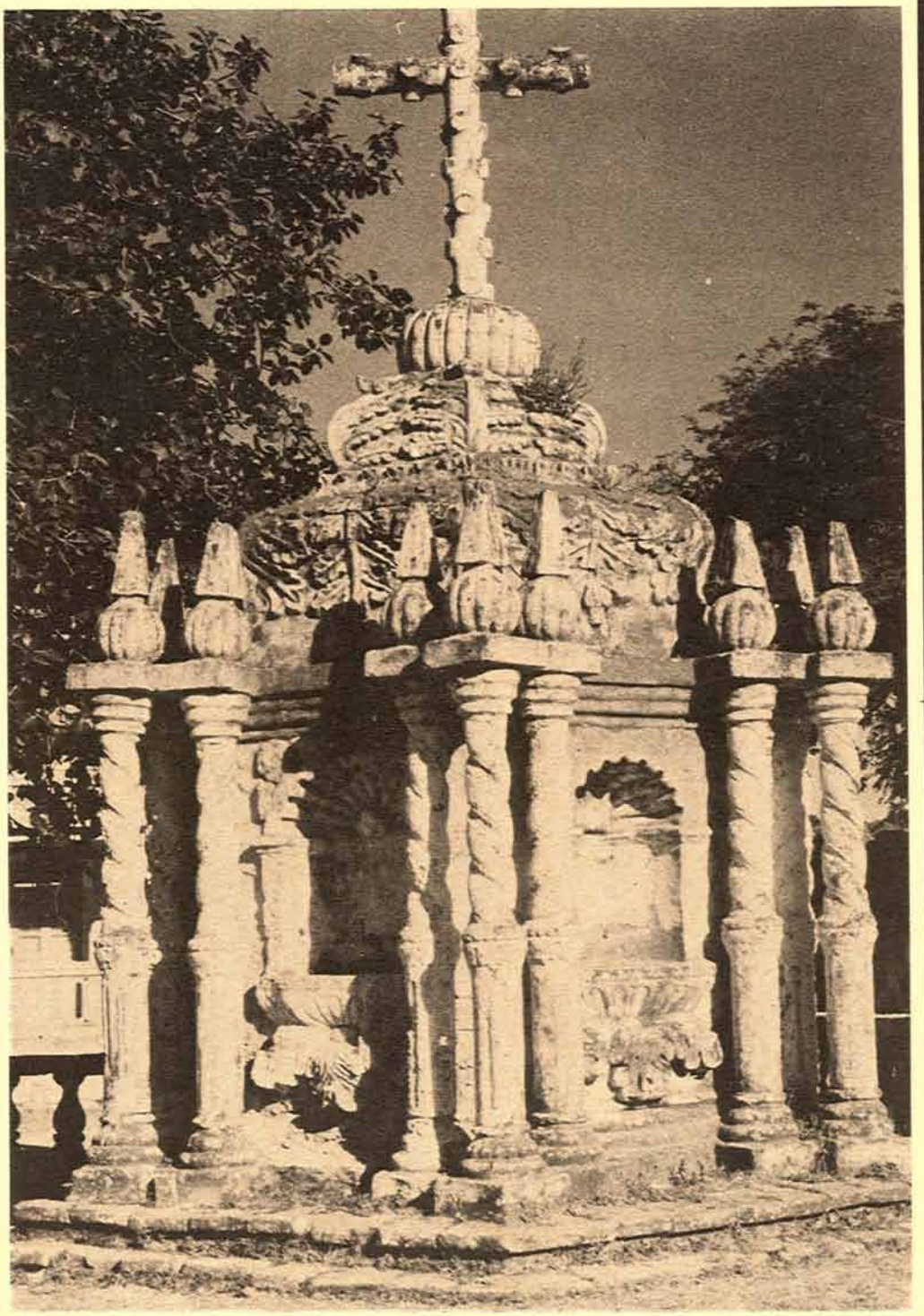
1.º ten. SG RF António da Silva Rainha faleceu em 28-10-71.

Albertino Quintãs, guarda de 1.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha, faleceu em 8-11-71.



Cruzeiro no adro da igreja matriz de Margão

Os Cruzeiros de Goa



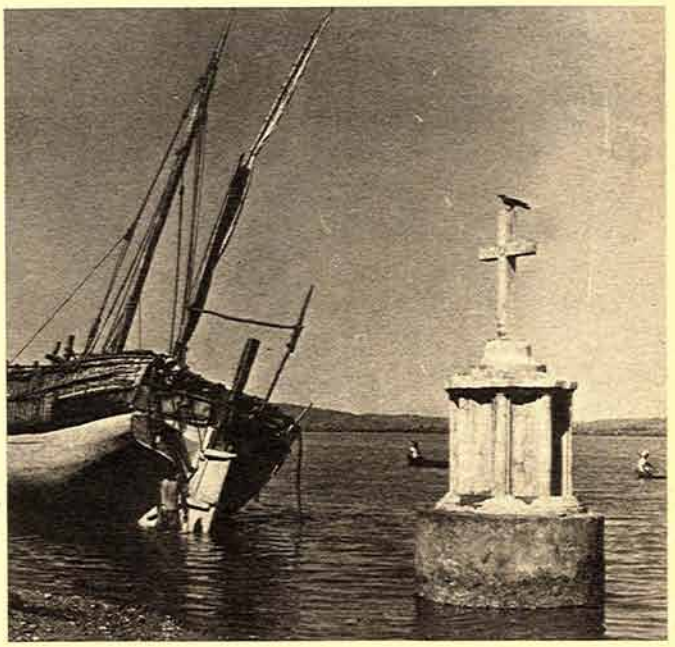
Cruzeiro no adro da Sé de Diu

Quem tenha conhecido o Estado Português da Índia decerto terá sido impressionado pelo número de cruzeiros (pedestais mais ou menos elaborados arquitectònicamente encimados por uma cruz) erectos por toda a parte. Não são como os das nossas aldeias, onde as procissões se deslocam, a partir da igreja, em dias de festa. Lá, cada igreja tem um ou mais cruzeiros – alguns, verdadeiras obras de arte, como o da Matriz de Margão –, sempre elegantes na sua traça, adornando um adro, como na Igreja de S. Lourenço, ou equilibrando uma fachada, como o de Siridão. No entanto, o singular, principalmente em Goa, é a profusão dessas construções piedosas, semeadas por toda a parte.

Existem ao lado de estradas e ruas, à beira dos caminhos – uns, alegres na sua imaculada brancura, como o que se ergue no caminho da Fortaleza de Tiracol; outros, tristes e velhos, gastos pelo tempo, arruinados, roídos pelas monções e pelo abandono dos homens, como esse que se vê (se é que ainda existe) no alto do Monte Santo, em Velha Goa.

Muitos deles, acompanhados apenas pelos coqueiros, quedam-se isolados, sem que se saiba quando e porquê foram ali erguidos, como aquele que, perto de Agaçaim, chora de velho. Mão piedosa ergueu-lhe sobre o pedestal arruinado rústica cruz de madeira (humilde arremedo

Cruzeiro em Ribandar, no rio Mandovi

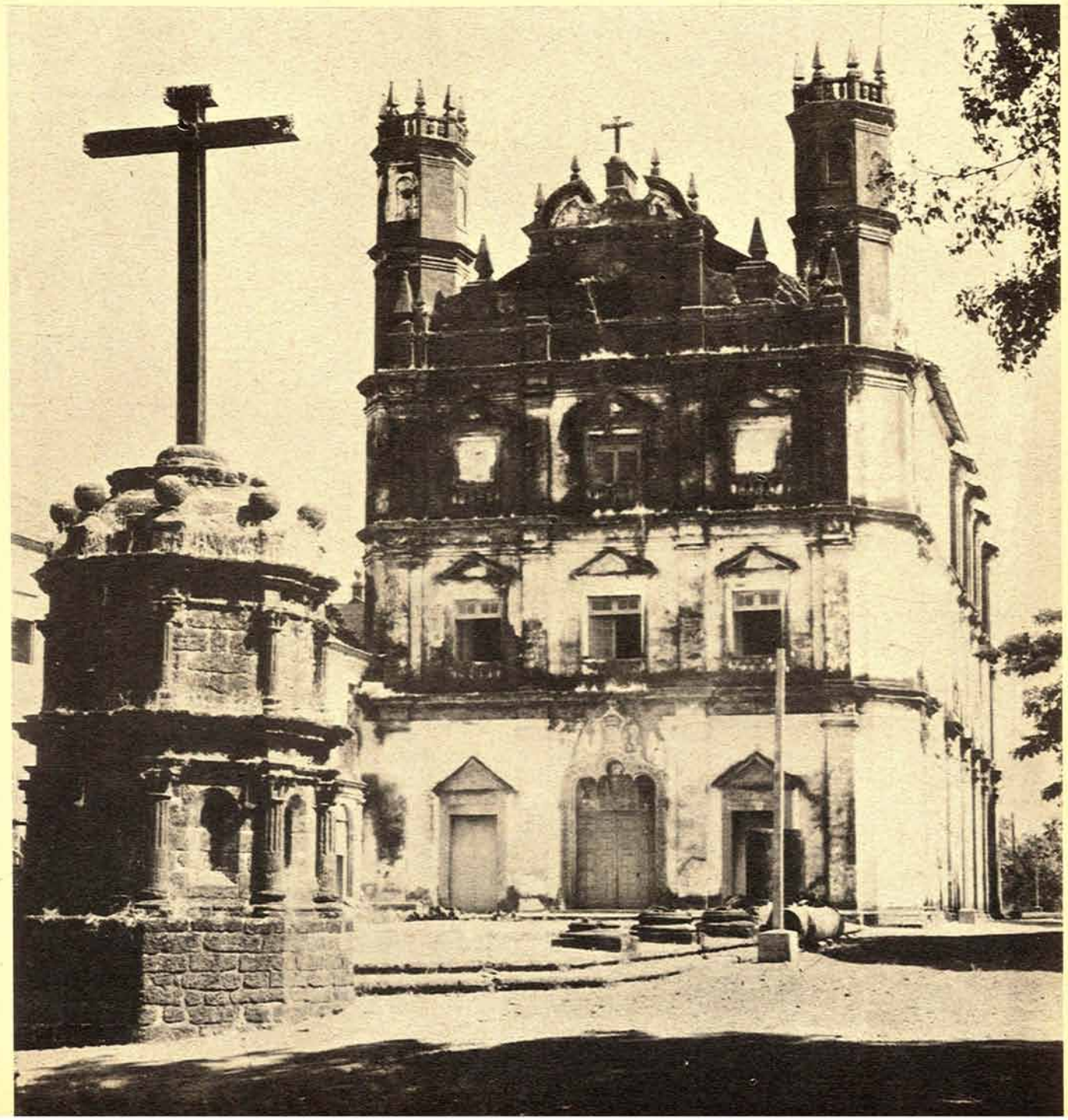


da de pedra que caíra), tão transitória como a brancura da cal que uma só monção enegrece e consome.

A monção é, de facto, inimiga de tudo, excepto do arroz e da mata. De Junho a Setembro, rios de água desabam sobre a terra. O musgo invade todas as paredes e muros. Dos telhados até ao chão tudo é verde. Em Outubro, acabada a chuva e secas as paredes, começa a faina de pôr tudo branco. E os cruzeiros como que renascem, imaculados.

Arrancam-se as ervas que nasceram nos sítios mais incríveis; se por ventura foram deixadas em paz, não tardarão a mergulhar as raízes fortes por entre as pedras de uma cornija ou fachada, tornando-se arbusto – e até árvore –, demolindo progressiva e acelera-

A «Cruz de Goa»
e a igreja de S. Francisco em Velha Goa



No Monte Santo, junto ao convento das Mónicas, vendo-se a empena de uma torre das ruínas do convento de Sto. Agostinho e a pequena igreja de Sto. Antônio.

damente o edifício. É por isso que as ruínas duram pouco na Índia; ou se acautelam e mantêm, ou ficarão reduzidas a escombros escondidos entre mata densa.

Na Índia, a cruz é o emblema necessário ao cristão e vemo-la no muro do pátio de cada casa como afirmação de crença e penhor de protecção. Ela distingue-o, da mesma forma que o vaso com o *tulôsse*, à porta de casa, distingue o hindu.

Pelo Natal, a maioria dos cruzeiros, onde quer que se ergam, branqueja na noite, à luz vaga das velas com que a devoção popular os alumia. Na noite de Natal, em geral calma e fresca, quem passe pelas estradas encontra a cada passo esses tocheiros, tremeluzindo, que deixam na alma o conforto de uma espécie de presença amiga. À luz vaga das velas, os cruzeiros de Goa adquirem uma beleza especial. De dia, quando o sol lhes bate em cheio, cada recorte, cada pormenor da arquitectura, é valorizado pela sombra, sobressaindo com toda a nitidez o seu rendilhado soberbo, como a imponente cruz de Goa, em frente à Igreja e Convento de S. Francisco, em Velha Goa. Essa cruz enorme, sem emendas, talhada dum só bloco, deve ser coisa rara, dadas as suas dimensões.

A caminho do Monte Santo, em Velha Goa, cada curva tem o seu cruzeiro, que espreita entre ruínas, dando à paisagem o ambiente dolorido de calvário. É esse o aspecto que se descortina da cruz que se ergue em frente do Convento das Mónicas.

Mas nem só quando se ergue em pedestal magnífico tem a cruz maior beleza. Vemo-la igualmente bela em pedestais singelos, sublime na sua humildade, à beira de uma estrada como a de Bambolim, ou de um rio como em Tiracol ou Alorna. Abençoando na sua rusticidade a solidão dos campos, ergue-se, no alto de Chicalim, um pequeno cruzeiro, tocante na sua simplicidade, de desenho ingénuo mas belo. Outras vezes, a cruz penetra na água, como em Ribandar, frente ao hospital, onde a benção desce sobre o Mandovi. E por toda a terra de Goa, desde a fronteira até ao mar, a cruz estende os seus braços.

Em Damão já assim não é. Lá, a tradição do cruzeiro não ganhou raízes. As suas igrejas, conventos e ruínas sacras não têm esse adorno.

Em Diu, ainda que pouco arreigada, a tradição do cruzeiro existe. Podemos ver um dos mais belos exemplares frente à Sé de Diu, todo rendilhado, de soberbas e elegantes colunas, com um misterioso toque de qualquer coisa que nos lembra os jardins árabes.

Mais singelo e de menor beleza, o que fica no adro da Igreja de S. João de Deus – estropiado por plantas daninhas e sangrando na sua desequilibrada cruz de cimento, onde o ferro espreita na chaga aberta pelo tempo – é bem um símbolo de luta... Oxalá possam durar e permanecer através das vicissitudes dos tempos os cruzeiros do Estado Português da Índia.

O. Lemos

Guiné – Hospital Central de Bissau

A SAÚDE NO ULTRAMAR

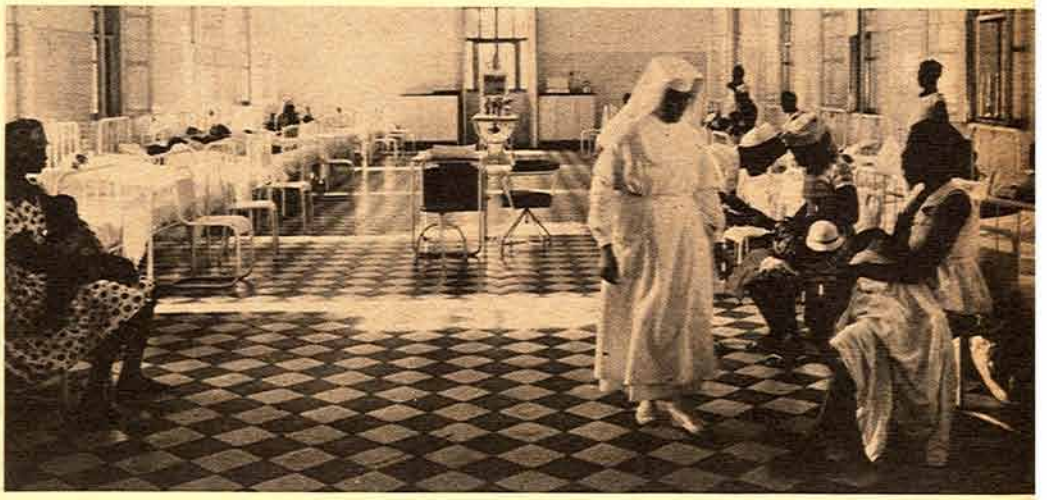
Na base duma produtividade maior, saúde para o progresso

«Grandes obras? Ou coisas pequenas e humildes? Seja o que for, que conduza sempre a: saúde, abundância, alegria e paz.» Estas palavras, de um dos nossos grandes homens da Marinha e do Ultramar, poderiam servir de legenda ao esforço imenso que se tem realizado por todos os quadrantes e latitudes para dar a cada português, de qualquer cor, o remédio para as suas doenças, o alimento para a sua vida, a cultura, a protecção e o amor para a sua alegria e paz. Grandes obras: grandes hospitais, grandes liceus, grandes traçados de urbanização, de construção de estradas, de portos de explorações mineiras; ou pequenas obras: a escolinha do mato, o monitor sob a copa frondosa da mulemba rodeado de algumas dezenas de crianças, o pequeno posto sanitário em casinha modesta de pau-a-pique ou de adobes, o agente sanitário a cuidar dos seus deveres – haverá realmente diferença de valores essenciais nos fins a que conduzem as primeiras e as segundas?

O homem, seja qual for a pele com que tenha vindo ao mundo, aprecia antes de mais a saúde. Só a aprecia, por absurdo que

pareça, quando a perde. O hábito das coisas que nos fazem felizes destroi o sentido de justiça para lhes darmos real valor. Mas quando a adversidade nos priva dos bens que possuíamos, sem termos dado conta, então, sentimos, profundamente, a sua perda. E a saúde é, talvez, a primeira e a maior felicidade ou razão de felicidade que o homem transporta ao longo da vida. Razão que não depende de se ter nascido em ambiente cheio de promessas de assistência ou nos recônditos cantos deste mundo onde aquela não chegou vestida de bata branca, armada de antibióticos, proporcionada por grandes blocos operatórios, de reanimação, rins, pulmões e corações artificiais. Esta pode ir, sem dúvida, mais longe, com o seu imenso arsenal de recursos. Mas a outra é tão boa, aquela que aparece na modéstia do enfermeiro a substituir o quimbanda, com frasco de comprimido que alivia a dor a substituir a mezinha de excremento aquecido em óleo de palmeira.

Sem dúvida que a evolução também anima. A saúde não é só do corpo, dos órgãos, é também do espírito. Não se fica indiferente ao posto sanitário que se constroi de pedra e cal. Com mesa de tratamentos. Com cama para descansar o corpo dorido de febres e magro de fraqueza. O agente sanitário de assistência rural, mal se distinguindo dos demais vizinhos, salvo pelo muito que já sabe e ensina de higienização dos ambientes familiares, dos arranjos de salubridade das povoações, das captações e tratamentos de água, é o alvorecer apenas de toda a assistência que se leva ao íntimo dos povos rústicos. Pois quando estes entendem ou começam a entender o que pode haver de benéfico na higiene pessoal e alimentar, na limpeza do vestuário, na pinceladela de mercurocromo, na gota oftálmica, alegram-se com a chegada do enfermeiro e do posto sanitário, tempos após seguidos do médico e do hospital rural, com as equipas de prospecção da doença do sono ou da maláriа, com a vacinação, que não compreendem, mas aceitam.



S. Tomé – Enfermaria do Hospital Central

E a assistência sanitária, como a assistência escolar, ganha no amor e no reconhecimento dos povos a adesão natural e sincera que nenhuma força guerreira consegue nem destroi. Quem tem vivido problemas de acção psico-social, quem tem percorrido os matos tentando o diálogo com povos de falas tão diferentes, quem se preocupou verdadeiramente em fazer amigos que nenhuma pressão de ideologias adversas conseguiu obscurecer, sabe quanto pode valer uma quinda de sal que leva iodo para as carências evidentes em bócios salientes, apenas adivinhados ou suspeitos, quanto vale o comprimido que tira a dor.

Mas sabe ainda, porque lho diz a gratidão duns olhos húmidos como os das gazelas, quanto a jovem grávida, em aflições de parto que não se resolve, reconhece do fundo da sua maternidade animal, mas humana, a salvação que foi para ela a ida do pequeno avião onde a depuseram com infinitos cuidados e a transportaram ao hospital da cidade, enquanto pediam, pelo caminho, que estivesse a ambulância pronta no campo de aviação no momento da chegada.

É isto, afinal, entre grandes obras e pequenas obras, a assistência sanitária no Ultramar. Assistência que leva a corpos robustos de homens desempenados e raparigas esbeltas, onde a saúde não acompanha sempre as aparências, a cura de padecimentos que às vezes são hábitos e que ela transforma em milagre de alívio. Grandes obras, como os grandes hospitais centrais; pequenas obras, como os pequenos postos sanitários; obras, ainda, de que de fora ninguém avalia a dimensão, como a aturada e perseverante pesquisa laboratorial de novos métodos ou de novos medicamentos, como o trabalho de recolha e comparação de resultados, planeamento de campanhas profilácticas, de tratamento ou de rastreio desenvolvido nos gabinetes; são tudo obras para a saúde dos povos, que significam mais capacidade de trabalho, mais abundância, mais alegria e mais sólido fundamento para uma paz autêntica.

Foi com estas obras que nos anos 60 se conseguiu, pràticamente, irradicar da Guiné a ameaça da lepra contagiante; que em Angola e Moçambique se passou a controlar todos os doentes do sono, e muitos se curaram; que se disseminou por todo o lado a pesquisa da tuberculose, e o seu tratamento; que se levou à sanzala a ideia da prevenção contra a doença, tão ou mais importante que a própria cura.

Entre grandes obras e pequenas obras, foram assistidos, no ano findo, em todo o Ultramar, mais de três milhões e quatrocentos mil enfermos, contando-se entre eles cerca de duzentos e trinta mil internados.

Funcionam actualmente 13 hospitais centrais, 34 hospitais regionais e 154 hospitais rurais, perfazendo um total de 201 estabelecimentos com capacidade de mais de dez mil camas. Aqui servem mais de 550 médicos civis e cerca de 2500 enfermeiros dos Serviços de Saúde, a que se deve acrescentar 632 médicos de assistência particular do censo do ano findo.

E as obras não param. E a dotação de pessoal aumenta.

Só na Guiné construíram-se em 1970 14 postos sanitários. Noutras províncias as obras incluem blocos cirúrgicos, pavilhões de infecto-contagiosas, maternidades, gabinetes psicotécnicos, numa demonstração elucidativa do elevado nível alcançado nas estruturas duma assistência básica que se dinamiza no sentido da especialização. A resposta às solicitações tem sido: construir, criar, ampliar, assistir. Em Timor gastaram-se em 1970 cinco mil contos em obras, mil contos em equipamentos, mais de mil e trezentos contos em residências para enfermeiros. Quanto ao ano de 1971 foram previstas, só no Plano de Fomento, despesas com obras para a Saúde no montante de 164 650 contos. Em Lisboa, no Hospital do Ultramar, está em curso uma ampliação que ascende a perto de quarenta mil contos.

A saúde dos povos está na base da sua vida feliz e da capacidade de produção que se traduz em maior riqueza de bens e penhor seguro de progresso. É rendoso investir na saúde. No Ultramar é batalha pacífica que se trava, que há-de conduzir a uma vitória de que não se tem dúvidas.

S. Machado

saibam todos

Que a Direcção do Serviço de Instrução, com o objectivo de valorizar o pessoal da Armada e de lhe dar melhor preparação para a vida civil quando, cumprido o serviço militar obrigatório, pretenda deixar a Corporação, conseguiu já obter através do Ministério das Corporações carteiras profissionais para o pessoal da taifa, aguardando-se idênticos resultados para os electricistas, artilheiros, torpedeiros - detectores, radaristas e preditores, encontrando-se em andamento igual concessão para a classe de condutores de máquinas.

Que a mesma Direcção se encontra em contacto com a Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo a fim de no Regulamento da Inscrição Marítima poderem vir a ser incluídas equiparações de cursos e especialidades da Armada que permitam o desempenho de funções a bordo de navios mercantes.

Que por iniciativa de alguns oficiais da Direcção das Construções Navais foi obtida a cedência de instalações do Comando da Defesa Marítima do Porto de Lisboa para ser ministrado ensino do 2.º ciclo, em regime de voluntariado, a pessoal militar e civil do Ministério, havendo já a registar 30 inscrições. Esta iniciativa, idêntica à que o Comando da Base Naval de Lisboa tem vindo a levar a efeito em relação ao ciclo preparatório, é de grande interesse para o pessoal. Muito se rejubilaria se em outros Comandos Territoriais se visse o presente exemplo frutificar.

Que a caderneta militar e o livrete de saúde, que todos os sargentos e praças devem possuir, deixaram de ser cedidos às praças por conta do abono de fardamento, passando agora a ser fornecidos pelos Depósitos de Impressos às unidades e serviços que os requisitarem para distribuição a todo o pessoal quando necessário.

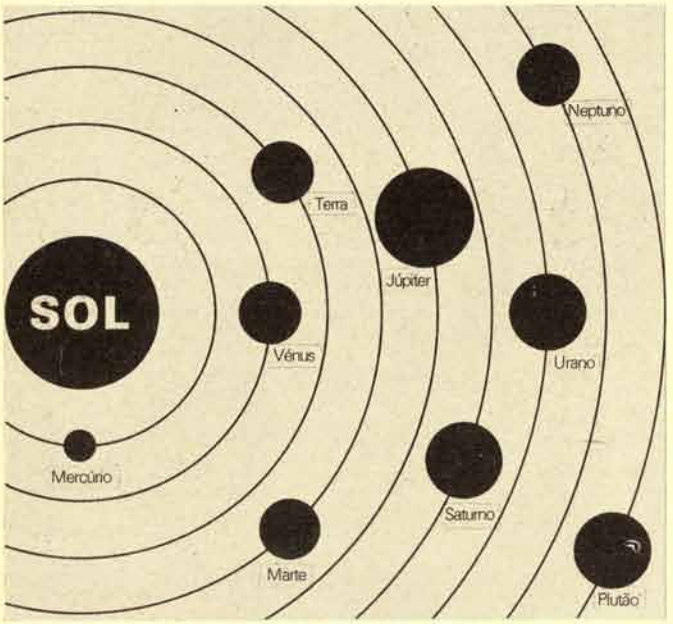
Que o único distintivo de ombro (legenda), a usar na blusa azul e na blusa branca, que é autorizado pelo Regulamento de Uniformes dos Sargentos e Praças é o de *Fuzileiros Especiais*, sendo vedado o uso de quaisquer outros.

Que no blusão não se usam distintivos de especialização.

Que a jaqueta, as calças azuis e as luvas brancas, a usar pelas praças da subclasse de despenseiros, são pertença da unidade onde prestam serviço.

Que os artigos de pequeno equipamento são os seguintes: cadeado – capa para colchão – capa para travesseiro – fecho para saco-mochila – saco-mochila – saco para roupa suja.

CURIOSIDADES SOBRE ASTRONOMIA



ALGUNS DADOS ACERCA DOS PLANETAS

Planetas	Distância ao Sol, em milhões de milhas	Duração da rotação axial	Diâmetro equatorial em milhas
Mercúrio	*36*	*58 1/4 dias (?)*	*2900*
Vénus	*67*	*247 dias (?)*	*7700*
TERRA	*93*	*23 h e 56 m*	*7926*
Marte	*141,5*	*24 h e 37 m*	*4200*
Júpiter	*433*	*9 3/4 h*	*88700*
Saturno	*886*	*10 1/4 h*	*75100*
Urano	*1783*	*10 3/4 h*	*29600*
Neptuno	*2793*	*15 3/4 h*	*27700*
Plutão	*3666*	*6 dias e 9 h*	*3600 (?)*

ESTRELAS

As estrelas estão situadas a tão grande distância da Terra que ainda nenhum telescópio foi capaz de poder observá-las «maiores» do que um simples ponto brilhante. No entanto muitas delas são de enormes dimensões, como, por exemplo, a Betelgeuse, da constelação Orion, que se calcula ter de diâmetro cerca de 250 000 000 milhas (cerca de 37 250 000 vezes o diâmetro da Terra!). Exactamente porque não se consegue ver de uma estrela mais do que a imagem de um ponto de luz, pode pensar-se que o nosso conhecimento acerca da sua constituição seja limitado. Mas tal não acontece, pois já se obtiveram imensos conhecimentos através de instrumentos que analisam o «espectro da sua luz», de acordo com as tonalidades observadas. E assim se consegue, por exemplo, através das diferenças de cores, determinar as variações de temperatura existentes à superfície das estrelas.

METEOROS

Quando um meteoro choca com a Terra pode vir animado de uma velocidade relativa superior a 45 000 milhas/h, tornando-se incandescente a uma altura de cerca de 100 milhas acima do nível da Terra. A maior parte dos meteoros desfaz-se durante a queda a uma altura de 60 a 70 milhas da Terra. Os corpos maiores caem em qualquer parte do globo, sendo dos conhecidos o mais pesado, com cerca de 60 toneladas, aquele que caiu em Hoba, na África Ocidental (Nigéria).

Outro dos maiores caiu no Arizona (E. U. A.) nos tempos pré-históricos e causou uma cratera com uma milha de diâmetro que se tornou ponto de atracção turística. Em 1908, um meteorito caiu na Sibéria, destruindo árvores num raio de cerca de 20 milhas e outro, ainda maior, caiu, em 1947, na área de Vladivostok (Rússia). Outros são conhecidos, como, por exemplo, o que, em 1965, caiu em Barwell, na Inglaterra, sendo, no entanto, rara a queda destes corpos de dimensões gigantes sobre a superfície da Terra.

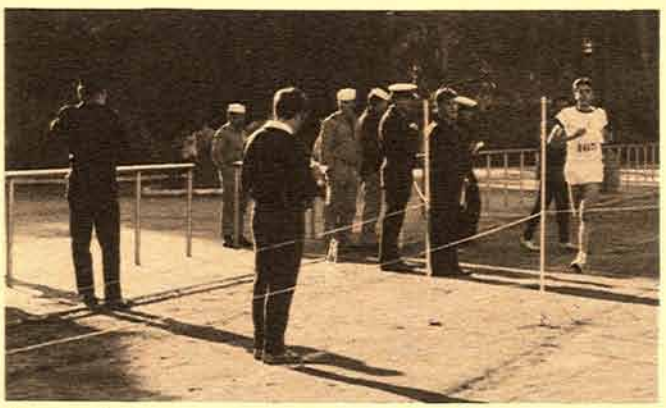
A. Chuquere

(Compilado de «The Observer's Book of Astronomy»)

CORTA-MATO foi acontecimento

Aspecto da partida, com o pelotão ainda muito compacto.

Uma imagem dos concorrentes a vencer uma subida do percurso.



Joaquim Sobral (I.S.A.F.M.), o vencedor destacado, com 26 s de avanço.

O cap. ten. Olias Maldonado entregando a Taça Comando Naval do Continente ao 2.º gr. L – Martins, da equipa vencedora.

Trio de honra – da esquerda para a direita: 2.º gr. L – Martins (G. 1E. A.) (2.º), 1.º gr. L – Sobral (I. S. A. F. M.) (1.º) e 2.º gr. L – Pereira (G.1E. A.) (3.º).

Vencedor por equipas: Grupo N.º 1 de Escolas da Armada

CORTA-MATO NO ALFEITE

Com a participação de 92 concorrentes, disputou-se no passado dia 3 de Dezembro a tradicional corrida pelo campo, a primeira competição da época 71/72.

Com um traçado de cerca de 4000 metros de extensão e apresentando obstáculos naturais, como convém a este género de provas, a corrida realizou-se nos terrenos anexos ao estádio da Base Naval do Alfeite. O dia estava magnífico, com sol, e o piso do percurso beneficiando da ausência de chuva, encontrava-se seco o que de certa maneira auxiliou o esforço dos atletas.

Concorreram as seguintes equipas: Centro de Educação Física da Armada (21), Escola de Fuzileiros (19), Grupo N.º 2 de Escolas da Armada, representado pela Escola de Artilharia Naval (16), Grupo N.º 1 de Escolas da Armada (8), N. E. «Sagres» (8), Escola Naval (8), Direcção de Faróis (6), Direcção do Serviço de Armas Navais (5) e Intendência dos Serviços de Administração Financeira da Marinha (1).

Registe-se que apenas concorreram unidades e serviços de terra (a «Sagres» é uma Escola), o que de certo modo revela a dificuldade que os navios têm de dispor de «tempo e pessoal» para acorrer, simultâneamente, às exigências operacionais e às actividades de educação e desportos.

O favoritismo concedido ao 1.º gr. L n.º 1391/70 – Joaquim Sobral (I.S.A.F.M.) confirmou-se em absoluto, pois a sua experiência e categoria, por diversas vezes confirmadas em provas de clubes federados, deixava antever que não daria grandes hipóteses aos demais concorrentes.

Por equipas triunfou o Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, que obteve os 2.º e 3.º lugares, também com boas actuações de dois grumetes de abastecimento, pois nisto de corridas de resistência os L's revelaram-se mais aptos que os FZ's!

Classificação individual

					m s
1.º	1391/0	1.º gr. L	Sobral	I. S. A. F. M.	13.00
2.º	1968/1	2.º gr. L	Martins	G. 1 E. A.	13.26
3.º	2631/0	2.º gr. L	Bernardino	G. 1 E. A.	13.35
4.º	1177/1	2.º gr. A	Conceição	G. 2 E. A.	13.52
5.º	713/1	2.º gr. A	Simões	G. 2 E. A.	14.11
6.º	1761/5	Mar. FZ	Gato	E. Fuz.	14.12
7.º	677/1	2.º gr. A	Lopes	G. 2 E. A.	14.13
8.º	2720/9	1.º gr. FZ	Silva	C. E. F. A.	14.20
9.º	28/1	2.º gr. FZ	Marques	E. Fuz.	14.22
10.º	1165/1	2.º gr. M	Carvalho	«Sagres»	14.23
11.º	2330/9	1.º gr.	Santos	G. 1 E. A.	14.24
12.º		Aspirante	D. Sousa	E. Naval	14.27
86.º	84/1	2.º gr.	Coelho	E. Fuz.	

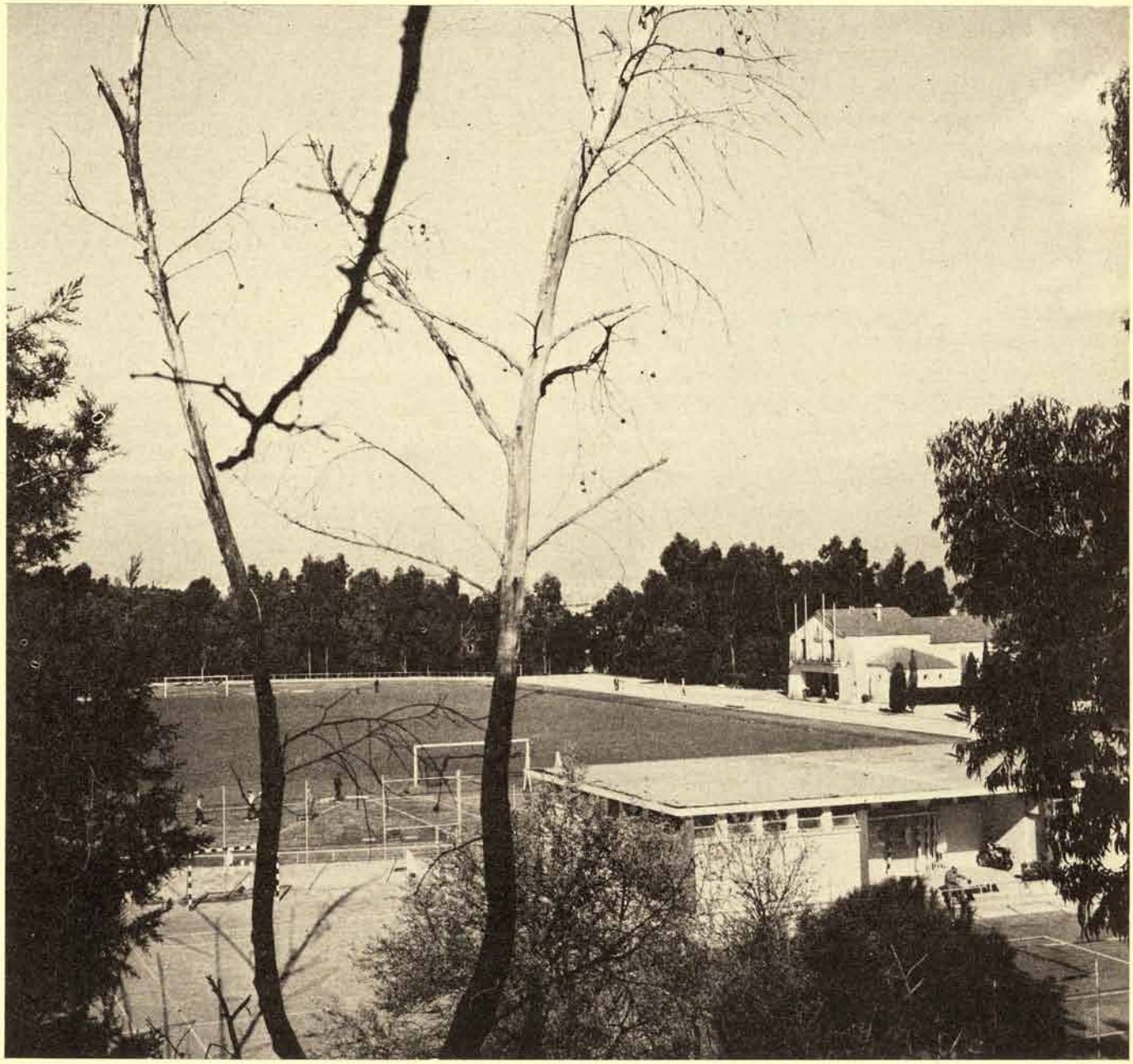
Classificação por equipas

1.ª	Grupo N.º 1 de Escolas da Armada	43
2.ª	Grupo N.º 2 de Escolas da Armada	56
3.ª	Escola de Fuzileiros	74
4.ª	Escola Naval	142
5.ª	N. E. «Sagres»	158
6.ª	Centro de Educação Física da Armada	170
7.ª	Direcção de Faróis	288
8.ª	Direcção do Serviço de Armas Navais	316

No final da prova foram distribuídas medalhas individuais aos três melhores classificados e medalhas aos cinco melhores classificados da equipa vencedora.

A Taça Comando Naval do Continente, que será atribuída à unidade, força ou serviço que obtiver vitórias colectivas em três anos consecutivos ou cinco alternados, foi entregue este ano ao Grupo N.º 1 de Escolas da Armada pelo capitão-tenente Olias Maldonado, director de instrução do C. E. F. A. e presidente do júri da prova.

FUTEBOL



Panorâmica das magníficas instalações desportivas da Base Naval de Lisboa

O intercâmbio desportivo com unidades navais estrangeiras que nos visitam, tem continuado com certa regularidade.

Como não podia deixar de ser, o futebol é a modalidade mais utilizada nestes confrontos. Aproveitando as magníficas instalações do estádio da Base Naval do Alfeite, efectuaram-se mais dois jogos e, em ambos, a ESCOLA DE FUZILEIROS «goleou», sucessivamente, ingleses e holandeses pelos resultados a seguir indicados:

Em 29 de Outubro:

ESCOLA DE FUZILEIROS, 8
H.M.S. «KEPPEL» (G.B.), 0

Em 13 de Novembro:

ESCOLA DE FUZILEIROS, 7
«NOORD BRABANT» (HOL.), 1

Parece-nos que, opor a navios da classe fragata ou *destroyer* formações da ESCOLA DE FUZILEIROS, é sujeitarmos os nossos adversários a resultados muito desnivelados, que falseiam o valor do futebol... naval!

Seria, talvez, mais lógico e cavalheiresco enfrentar esses navios de Marinhas amigas com equipas equivalentes ou mesmo ao nível de FLOTILHAS, para que o objectivo principal destas competições, a confraternização, não se torne demasiado contundente para os visitantes!

P. Caeiro

voz da abita

RECORDANDO... Os últimos dias da Marinha na Aviação Naval

Havia oito meses que estava embarcado no saudoso «Afonso de Albuquerque», quando recebi guia de marcha para a «Escola de Aviação Naval Almirante Gago Coutinho». Ordens cumprem-se e não se discutem!

Ao fim de uma noite num comboio (que parecia aquele último do Catanga) cheguei à estação de Aveiro. Não vi, à saída, qualquer transporte da Marinha. Aguardei, porque me informaram que viria ali um buscar as licenças. Depois de atravessar essa conjunção de águas onde a Ria se mistura com o Vouga, a lancha atracou ao cais. Pus o pé em terra e olhei à minha volta! Vi ao fundo a Casa da Guarda, onde vários soldados faziam serviço... Pensei que me tinha enganado, ou me teriam destacado para a tropa. Fiquei mais satisfeito quando avistei o sargento de dia e verifiquei que ele era da Marinha. Mas, logo a seguir, enxerguei o oficial de serviço e vi que era do Exército! Passei o dia um pouco confuso e à noite deitei-me numa caserna muito limpa mas tão gelada que parecia estar no Pólo Norte... Depois da hora do silêncio, entrou por ali dentro um furriel, fazendo muito barulho; os meus camaradas caíram sobre ele com os panamás, fazendo-o sair. Dormia perto de mim um grumete que eu me habituara a ver no Corpo de Marinheiros na formatura dos «dispensados e quarta classe de comportamento» e que para ali enviaram para se verem livres dele. Tinha por missão matar os cães e gatos que aparecessem na pista! Contou-me então que o tal furriel ainda há poucos dias era grumete artilheiro... Cheguei a pensar que estava na Coreia!... Passados uns dias chegaram dois alferes; na hora das licenças dirigiram-se para a vedeta e ficaram muito admirados porque os marinheiros que lá estavam de serviço os informaram que primeiro embarcavam as praças! Não conformados, foram apresentar o caso superiormente e obtiveram a explicação de que na Marinha era assim porque os seus lugares estavam garantidos.

Embora a Marinha estivesse a desaparecer da Aviação, deixava ali vastas recordações. Lembro-me de ouvir alguns oficiais da Força Aérea elogiarem a maneira eficaz como funcionava o nosso rancho; já ali existia o que hoje se chama rancho centralizado. Os nossos cozinheiros foram dos últimos a sair e alguns dos nossos faxinas ficaram lá como cozinheiros, num quadro civil formado com a nossa experiência.

Afinal ainda não somos tão maus como alguns querem fazer crer...

João Mateus
Cabo TFH

De 1977/70/2.º gr. A – António V. Pinto

«Alfeite, 25 de Novembro de 1971.

«Desde que começou a ser publicada a nossa Revista pensei logo em colaborar em tão meritória publicação com todo o meu desinteressado esforço.

Actualmente qualquer publicação possui uma secção dedicada à filatelia, uma ciência que presentemente se encontra muito avançada e que já é «cadeira» de escola em diversos países. Como nas nossas fileiras militam muitos filatelistas – e não só isso visto a Revista ser vendida ao público – que por diversas razões ficaram privados de estar informados sobre o seu «hobby», penso que a criação desta secção os irá alegrar, principalmente os que lutam pela Pátria no Ultramar.

«Nesta conformidade, comprometo-me a enviar mensalmente colaboração para esta secção que só versará, como é evidente, assuntos de filatelia, e dentro disso a tão necessária informação para os coleccionadores.

«Assim rogo a V. ... me informe se é aceite esta minha pretensão, para que eu comece já a trabalhar no material para a próxima publicação da nossa Revista.»

N. R. – *A Revista agradece e aceita a sua colaboração, pedindo o favor de entrar em contacto com a Redacção.*

CUMPRIMENTO DO DEVER

Uma vez que me encontro inserido num meio social, cabe-me o dever de zelar pelo que me está confiado e o direito de criticar-construindo o que se me depara.

Todo o homem tem a obrigação moral e humana de, em qualquer lugar onde se encontre, prestando este ou aquele serviço, ao mando desta ou daquela pessoa cumprir o seu dever, dignificando a palavra Homem. Quando não, torna-se simplesmente um desrespeito e uma ofensa feitos à comunidade e à sua própria pessoa. O homem necessita de ser coerente consigo próprio e nunca é demais realçar aquela frase proferida por SS. o Papa Paulo VI, quando da sua alocução no Cinquentenário de Fátima: «Homens, sede Homens!» Passando os olhos pelos diversos meios de trabalho, público ou privado,

notamos sem margem para dúvida, que muita coisa há para fazer, sem contudo estar feita por negligência dos responsáveis pelo serviço que lhes foi confiado. E então não é de espantar que percamos longos minutos esperando que nos atendam, ou longos dias esperando o deferimento dum requerimento, dum pedido, ou a conclusão dum processo. Tempo que se perde e que podia reverter em benefício se o tempo de trabalho que cada responsável tem para si, fosse devidamente aproveitado, não havendo em consequência estes atrasos. Muitos mais exemplos haveria para dar, mas será melhor ficarmos por aqui e concluirmos que não nos devemos espantar também que outros digam que somos lentos em progredir. Alguns povos, são demasiado egoístas e são muito dados ao «deixa correr». Mas, no entanto, se não somos capazes de modificar o temperamento das pessoas, não seremos capazes de lhes modificar o carácter?

Vejamos o que nos diz a História! Lá encontramos exemplos de homens que conseguiram modificar a situação das pessoas à custa de muito trabalho e de muita canseira. Não foi de braços cruzados que conseguiram desenvolver o progresso do seu país!

Cada um de nós faz parte integrante dum todo. Na divisão hierárquica, todos têm o seu valor distinto e cada um tem a sua responsabilidade e o seu contributo a dar.

Os chefes por si só, não podem fazer tudo. Eles têm principalmente as funções administrativas. E os outros? Os que não são chefes? As funções destes não serão as de cooperar com aqueles?

O nosso País precisa de gente entusiasta e atenta. Gente que não fique aquém das suas possibilidades. Gente que trabalhe para o bem comum; que consiga render o máximo das suas potencialidades. Não é que não tenhamos direito a tempos livres; aliás, isso é essencial para a revigoração do corpo e do espírito. Mas cada coisa a seu tempo: em horas de trabalho, trabalhemos; em horas de lazer e descanso, pois descansemos.

Se atendermos e nos situarmos no ambiente familiar português, em que educar é, duma maneira geral, ensinar o que se deve fazer e o que se não deve, sem explicar a razão do porquê, e não proporcionar ao educando uma plataforma tal que ele, por si só, descubra a sua própria razão de fazer as coisas, não teremos mais do que culpar os pais dos que hoje não fazem nada para o engrandecimento e desenvolvimento do País e da sua própria pessoa.

Não há dúvida, portanto, que, além do mais, é uma falta de educação cívica e humana, pois que, ser educado, é possuir desenvolvimento de todas as suas faculdades físicas, intelectuais e morais, e se a pessoa é incuriosa no trabalho, carece destas particularidades. Não será assim? Porque se fazem palestras? Porque se fazem colóquios? Porque existem livros? Existem apenas porque existem? Não serão um bom meio para nos valorizarmos individualmente e consequentemente cumprirmos cabalmente com o nosso dever?

O trabalho dignifica.

Jamais existiu alguém que conseguisse não fazer coisa alguma. E o pior é nós dizermos «sim» a um contrato patronal e não o observarmos na sua sequência.

Pois, caros amigos que me estão lendo, sabem perfeitamente que isto se passa em todo o mundo e já não é de agora. Mas vamos tentar fazer os possíveis para que diminua este desleixo, esta falta de vontade e assim teremos, com o nosso testemunho exemplar, um Portugal mais autêntico e desenvolvido.

J. Eduardo de Sá
2.º grumete L

AGORA QUE REGRESSO

(DUMA VIAGEM MARÍTIMA, AO SERVIÇO DA ARMADA)

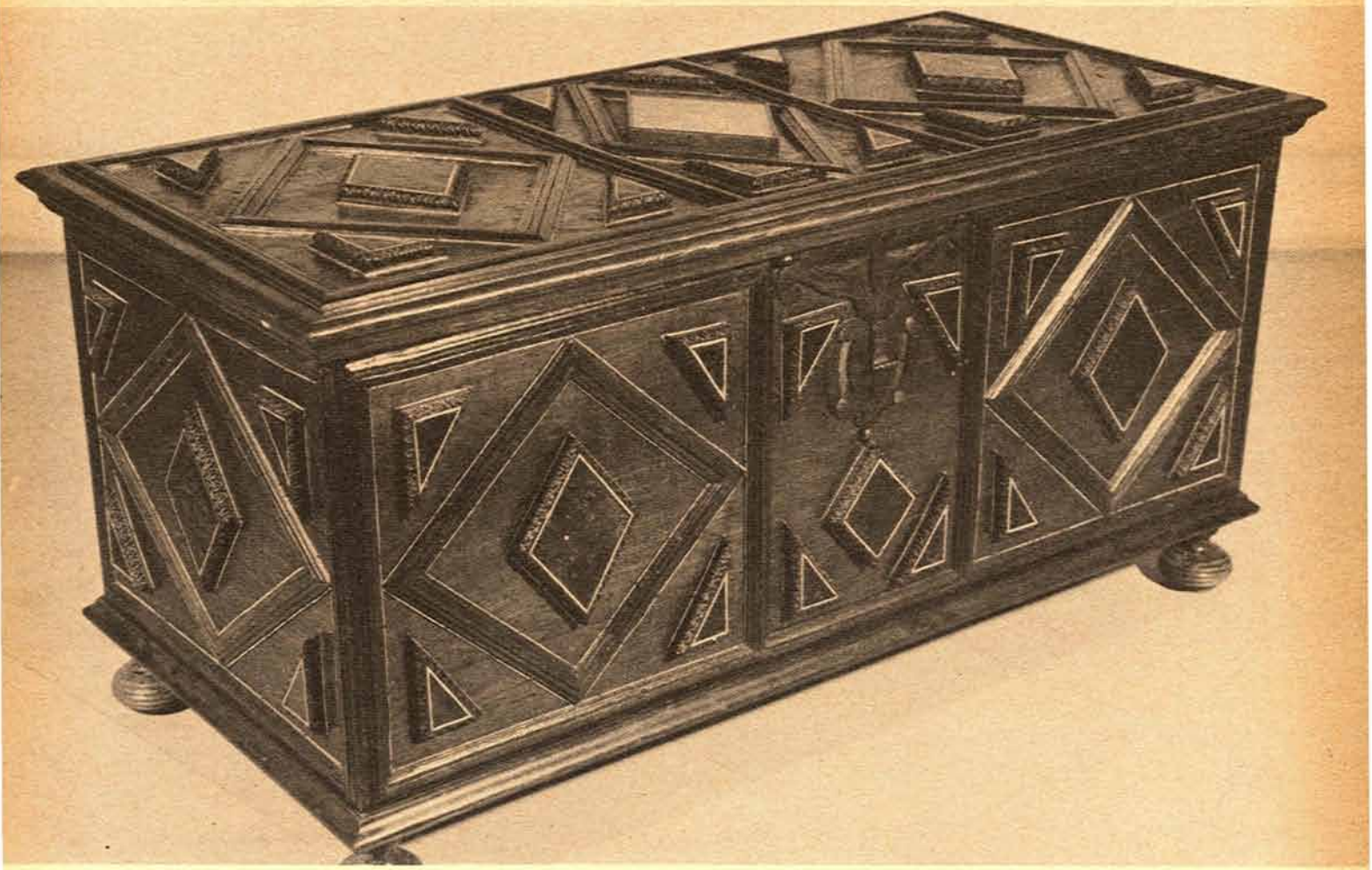
Já vislumbro a branca Torre de Belém,
Já, de longe, a velha Sé vejo também,
Já surgem d'entre o Sol rústicas casas,
Já vejo a confusão que a cidade povoa,
Já oiço as esbeltas gaivotas de Lisboa,
Que adejam pelo Céu as brancas asas!

Já distingo o Sol ténue que bate em retirada,
Já admiro as cicatrizes da noite calada,
Já oiço o ardina que apregoa,
Já piso as avenidas largas e versudas,
Já adivinho estas paisagens mudas,
Que embelezam o adormecer de Lisboa!

Já deleito o olhar nos jardins cobertos de viço,
Já escuto as guitarras do fado castiço,
Já sou feliz por ver esta terna Lisboa,
Já respiro o aroma que em vão desejei,
Já expando amor porque voltei
Da ausência, que agora já não magoa!

Artur de Lucena
2.º grumete T

A «ARCA DOS GAMAS» OFERECIDA AO MUSEU DA MARINHA



Da colecção de antiguidades do comandante Ernesto de Vilhena foi cedida por sua esposa ao Museu da Marinha uma arca que fez parte do património da família de Vasco da Gama, ainda antes da descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Esta arca, que é conhecida tradicionalmente pela «Arca dos Gamas» constitui uma peça de extraordinário valor histórico que muito vem enriquecer o património do Museu da Marinha, que a colocou já em exposição numa das salas, por baixo de uma grande tela que representa o grande Almirante das Índias e junto da pedra tumular que cobriu a sua campa na Vidigueira.

INAUGURAÇÃO DO QUARTEL-GENERAL DO COMANDO DA ÁREA IBERO-ATLÂNTICA

Sob a presidência do Chefe do Estado e com a presença de Sua Excelência o Presidente do Conselho, Presidente da Assembleia Nacional e vários membros do Governo, foram inauguradas em 29 de Outubro, em Oeiras, as instalações do Comando da Área Ibero-Atlântica (COMIBERLANT) Com este objectivo deslocaram-se expressamente ao nosso país importantes entidades da NATO, entre as quais o Secretário-Geral da Organização, o Presidente do Comité Militar e o Supremo Comandante Aliado do Atlântico.

Este Comando ficará com a responsabilidade da segurança de uma área marítima que atinge 600 mil milhas quadradas.

REGRESSO DA «VASCO DA GAMA»

Após um período de cerca de 18 meses, regressou no passado mês de Novembro de comissão nas províncias ultramarinas de Angola e Cabo Verde a fragata «Vasco da Gama», do comando do capitão-de-fragata Belo de Carvalho.

A apresentar cumprimentos de boas-vindas à guarnição daquele navio em nome do ministro da Marinha e do chefe do Estado-Maior da Armada, foi a bordo o comodoro Paiva e Costa.

LANÇAMENTO À ÁGUA DO NAVIO-PATRULHA «ZAMBEZE»

Com a presença do ministro da Marinha, chefe do Estado-Maior da Armada, Superintendentes dos Serviços do Pessoal e do Material, outros oficiais generais e superiores e autoridades locais civis e militares, foi no passado dia 31 de Outubro lançado à água nos Estaleiros Navais do Mondego, na Figueira da Foz, o navio-patrulha «Zambeze».

Esta unidade é a última da classe «Cacine» construída naqueles estaleiros para a Armada.

OFERTA DE VALIOSA DOCUMENTAÇÃO AO ARQUIVO-GERAL DA MARINHA

O Arquivo-Geral da Marinha foi ùltimamente enriquecido com a oferta de documentação histórica de grande interesse, por parte do eng.º Rozindo de Morais Moniz da Maia que há já longos anos vem contribuindo para o aumento do património histórico daquele arquivo.

Os documentos agora oferecidos pertenceram na sua maioria ao almirante Bernardo Ramires Esquível, destacando-se dentre eles o «Diário de Navegação da Esquadra de Guarda-Costa do Coronel do Mar Bernardo Ramires Esquível», datado de 1781.

ABERTURA DO ANO LECTIVO NO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

Com a presença de Sua Excelência o Presidente da República, teve lugar no dia 13 de Novembro a abertura solene das aulas no Instituto Superior Naval de Guerra.

A lição inaugural esteve a cargo do capitão-de-mar-e-guerra Reis Tomaz e foi subordinada ao tema «O poder marítimo soviético e as posições portuguesas no Atlântico e no Índico».

A finalizar a sessão solene, Sua Excelência o Presidente da República distribuiu os prémios «Almirante Américo Thomaz» e «Almirante Botelho de Sousa» aos alunos mais classificados do ano anterior, capitão-de-mar-e-guerra Barahona Fernandes e capitão-tenente de administração naval Mário de Aguiar.

NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE DISCIPLINA DA ARMADA

Vai ser nomeado para o desempenho das funções de presidente do Conselho Superior de Disciplina da Armada o contra-almirante Joaquim José Teixeira.
Este oficial general substitui no exercício daquele cargo o contra-almirante Henrique dos Santos Tenreiro, que do mesmo foi exonerado a seu pedido, tendo sido louvado pelo ministro da Marinha pela maneira distinta como o exerceu.

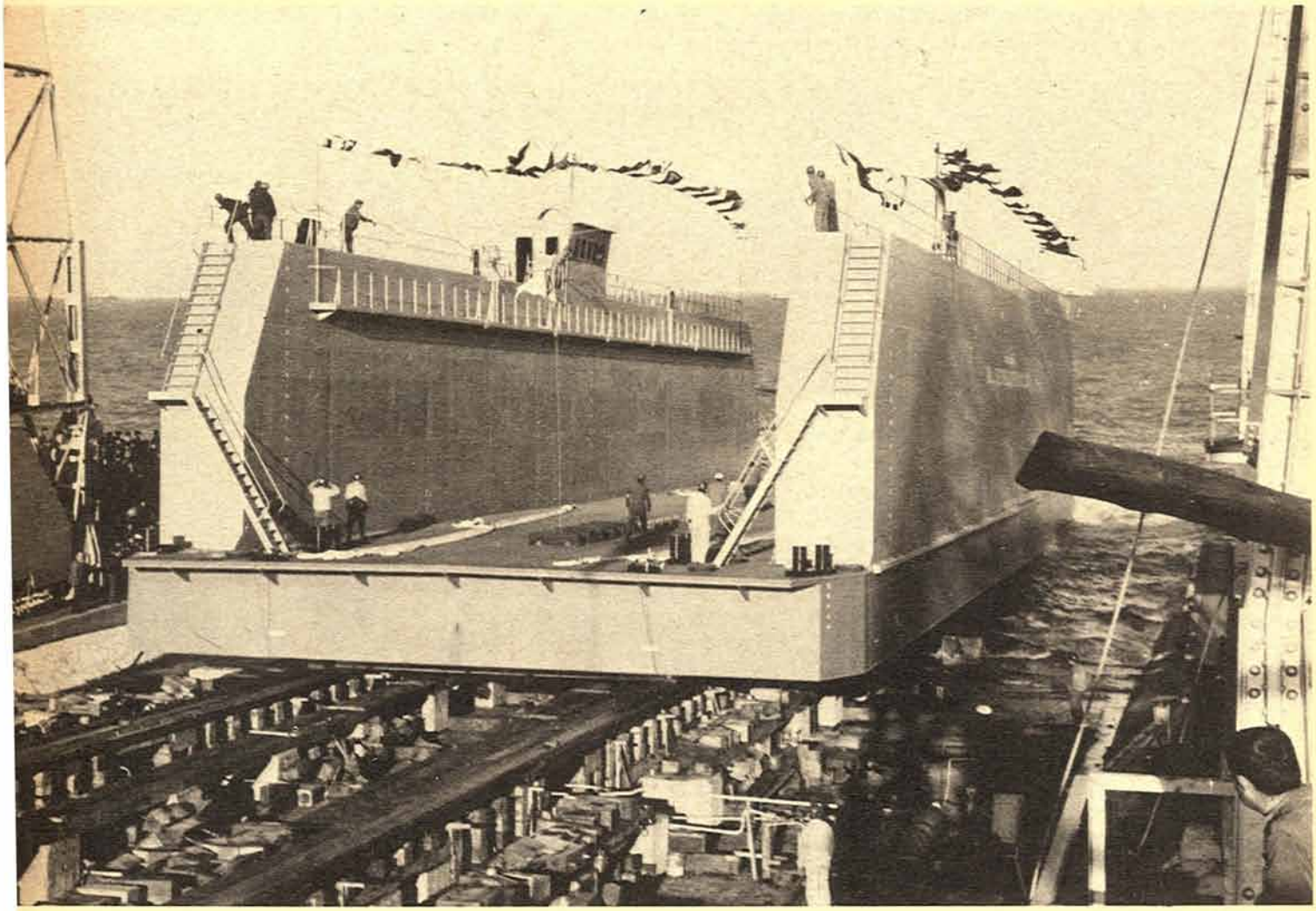
O ALMIRANTE CELESTINO SOARES EVOCADO NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Com a presença do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, oficiais generais, académicos e familiares do contra-almirante Celestino Soares, realizou-se no dia 24 de Novembro, por iniciativa do Centro de Estudos de Marinha, uma sessão evocativa da figura e obra deste ilustre oficial da Armada.

Foi orador o almirante Sarmento Rodrigues, presidente daquela instituição, que pôs em destaque as qualidades e virtudes do almirante Celestino Soares, cujo centenário do falecimento agora passa e que o Ministério da Marinha pretende assinalar com o início da reedição da sua extraordinária obra «Quadros Navais»

DOCA FLUTUANTE «ENG.º PERESTRELO DE VASCONCELOS»

No dia 3 de Dezembro foi lançada à água no Arsenal do Alfeite a doca flutuante «Eng.º Perestrelo de Vasconcelos», destinada a assistir, em reparações, submarinos ou navios de superfície até à tonelagem de corvetas. Esta doca, que tem 62 metros de comprimento e desloca 720 toneladas, foi a primeira a ser construída em Portugal, nos estaleiros daquele Arsenal.
Serviu de madrinha desta nova unidade a Sr.ª D. Maria Inês Perestrelo de Vasconcelos Blom, filha do homenageado, primeiro administrador do Arsenal do Alfeite.



VISITA DO MINISTRO DA MARINHA A FERIDOS EM CAMPANHA INTERNADOS NO HOSPITAL DA MARINHA

O ministro da Marinha visitou no dia 6 de Dezembro no Hospital da Marinha os militares ali internados por ferimentos recebidos em campanha.

Inteirando-se do estado de saúde de cada um deles, manifestou-lhes desejos de um pronto restabelecimento, a todos deixando lembranças de Natal.

VISITA DO COMANDANTE NAVAL DO CONTINENTE AO BRASIL

Partiu no passado dia 7 de Dezembro para o Brasil o comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, que, a convite do Governo Brasileiro e em representação da Marinha Portuguesa, ali foi participar nas comemorações da Semana da Marinha.

FESTA DE NATAL NO HOSPITAL DA MARINHA

Realizou-se no dia 6 do passado mês de Dezembro a tradicional festa de Natal no Hospital da Marinha, que teve a presença da esposa de Sua Excelência o Presidente da República, Sr.ª D. Ger-

trudes Rodrigues Thomaz, sua filha D. Maria Natália Thomaz, a esposa do ministro da Marinha, o ministro da Marinha, a presidente da Secção Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa, Sr.ª D. Maria Amélia de Pitta e Cunha, a chefe da Secção de Visitadoras do Hospital da Marinha, Sr.ª D. Maria Luísa Rocheta, e muitas outras senhoras que gentilmente dão o seu concurso àquela Secção. Presentes também vários oficiais da Armada e o corpo clínico daquele estabelecimento hospitalar.

A festa decorreu em ambiente de alegria e franca disposição, nela tendo graciosamente colaborado alguns dos nossos melhores artistas: Hermínia Silva e Mário Silva, Trio Odemira, Verónica, Costa Guardado, Alice Amaro, conjunto musical «Os Náuticos», etc., estando a direcção do espectáculo a cargo de Jorge Alves e Manuel Aragão.

Num intervalo da representação foram entregues prémios aos marinheiros que mais se distinguiram nos seus trabalhos escolares no decurso do último ano lectivo.

FÁBRICA NACIONAL DE CORDOARIA

SECÇÕES DE:

Talho / Peixaria / Charcutaria / Produtos alimentares diversos / Perfumaria / Papelaria Brinquedos / Prendas / Utilidades / Pronto a Vestir e Confecções para Homens, Senhoras e Crianças / Artigos para uniformes / Artigos electrodomésticos / Móveis / Bar.

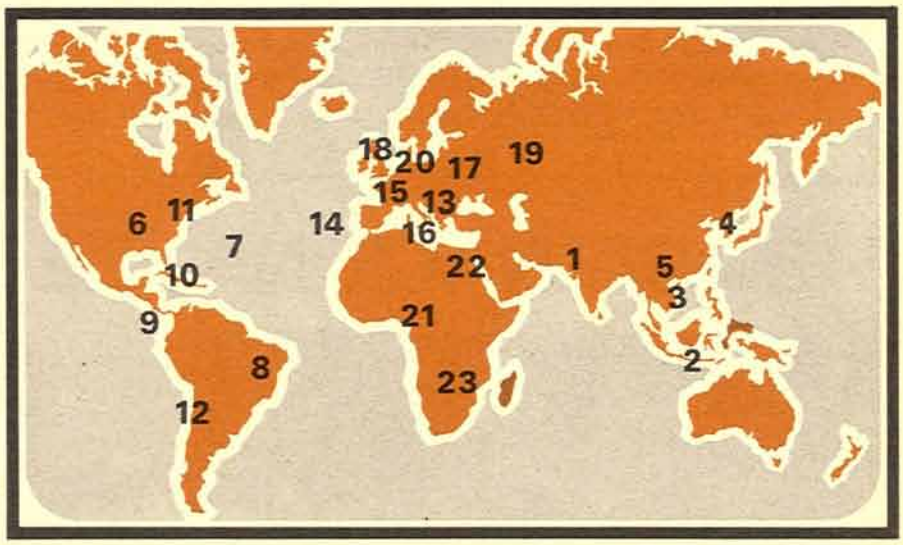
SECÇÕES COMERCIAIS:

N.º 1 – Edifício do Ministério da Marinha
N.º 2 – Edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria
N.º 3 – Edifício próprio – Alfeite

No Supermercado do Alfeite existe uma Secção onde poderão ser postos à venda quaisquer artigos desnecessários aos seus donos, mediante uma comissão de 6%

No Supermercado do Alfeite está em construção uma Farmácia e um Restaurante

no mundo aconteceu



NA ÁSIA

1 - *PAQUISTÃO*

Depois de uma guerra que durou apenas 10 dias, e durante a qual se verificaram pesadas baixas de ambos os lados, os indianos ocuparam o Paquistão Oriental. Este território, que os nacionalistas bengalis denominam Bangla Desh, passou a fazer parte de um novo Estado, logo reconhecido pela potência ocupante, com Governo próprio, separado do Paquistão Ocidental. Presume-se que o novo presidente do Paquistão, sr. Ali Bhuto, empossado depois do cessar-fogo, venha a negociar a união do novo Estado do Bangla Desh com o Paquistão, tentando remediar a situação «de facto» com medidas que deveriam ter sido tomadas pelo Governo militar do país, que ora se demitiu. Todavia, com o território ocupado pelas forças indianas, sendo bem recente a sangrenta repressão militar contra os actuais senhores da província, e dèbilmente apoiado pela China e pelos Estados Unidos, o sr. Ali Bhuto terá de usar de grande «engenho e arte» para dialogar em tal posição de fraqueza. Entretanto, o novo presidente realiza várias depurações no país.

2 - *INDONÉSIA*

A cólera causou 3000 mortos entre os 20 000 casos ocorridos neste país durante o ano findo.

3 - *VIETNAM*

Foi desencadeado o maior ataque aéreo americano contra o Vietnam do Norte desde que, em Novembro de 1968, haviam sido suspensos os bombardeamentos aos territórios a norte do paralelo 17. Em 9 de Dezembro o número de soldados dos E.U.A. no Vietnam do Sul era de 171 000.

4 - *COREIA DO SUL*

Em resultado de um incêndio, que destruiu em Seul um hotel de 12 andares, morreram 150 pessoas.

5 - *LAOS*

As forças comunistas voltaram a ocupar a estratégica planície dos Jarros.

NA AMÉRICA

6 - *ESTADOS UNIDOS*

Anunciou-se o cancelamento da missão «Apolo 17» com vista à economia de despesas na corrida do Espaço.

Na Florida, o chanceler alemão ocidental, sr. Brandt, teve um encontro com o presidente dos E.U.A. na sequência de vários contactos que este último efectua, preparando a sua próxima visita à China e à União Soviética, em 1972.

Em Washington foi célebrado um acordo pelos 10 países mais ricos do Mundo, que resultou na desvalorização do dólar e de outras moedas.

7 - *BERMUDA*

O sr. Nixon avistou-se nesta ilha com o primeiro-ministro inglês, sr. Heath, para discussão da situação internacional antes da sua ida a Pequim e a Moscovo.

8 - *BRASIL*

Enquanto a Europa começa a refrescar, o calor em S. Paulo provocou a morte de 500 crianças, como resultado de deficiente estado sanitário e alimentar.

9 - *PORTO RICO*

Celebrou o seu 95.º aniversário o famoso violoncelista e compositor catalão Pablo Casals, que em 1936, em plena guerra civil espanhola, se exilou voluntàriamente em França.

10 - *CUBA*

O chefe do Governo, Fidel Castro, pediu aos E.U.A. que se retirem da Base de Guantanamo, situada em território cubano.

A lei contra os vagabundos resultou no ingresso de cerca de 90 000 pessoas em várias actividades de produção.

11 - *NAÇÕES UNIDAS*

A Assembleia Geral da O.N.U. aprovou uma moção em que se pede a Israel que abandone os territórios árabes que ocupou durante a guerra dos 6 dias (em 1967) e sugere o recomeço de negociações com vista ao estabelecimento da paz no Médio Oriente (Missão Jarring).

12 - *CHILE*

O Governo levantou o estado de emergência que havia proclamado durante uma semana na província de Santiago, enquanto o presidente Allende acusou as direitas de tentarem minar a lealdade das Forças Armadas ao Governo legalmente eleito.

NA EUROPA

13 - *JUGOSLÁVIA*

Após várias demissões na direcção do Partido Comunista da Croácia (uma das 6 repúblicas jugoslavas), produziram-se sérios distúrbios na capital, Zagrebe, de que resultaram alguns feridos. Há a convicção de que os acontecimentos croatas são um reflexo de certo movimento nacionalista e separatista daquela república, originando várias depurações no país. Na capital federal (Belgrado) houve, entretanto, alguns ataques bombistas.

14 - *AÇORES*

Na cidade de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, realizou-se um encontro dos presidentes da França e dos Estados Unidos, no âmbito da série de conversações com os dirigentes de certos países que o sr. Nixon projecta fazer antes da sua anunciada visita à China e à União Soviética.

15 - *FRANÇA*

Contràriamente ao que é costume, faltou no Natal deste ano a paisagem branca da neve na Europa, pois a amenidade do tempo não desarmou durante a passada quadra festiva.

Durante uma conferência realizada em Paris, subordinada ao tema «Medicina e a Guerra do Vietnam», 200 médicos de 20 países denunciaram as «novas formas de guerra» utilizadas pelos E.U.A., que levam ao «aniquilamento sistemático e cego de toda a vida humana, animal e vegetal».

16 - *ITÁLIA*

Houve um atentado a dinamite contra o túmulo do ditador facista Benito Mussolini.

Giovani Leone, do Partido Democrata-Cristão, foi eleito presidente da República Italiana ao 23.º escrutínio do Parlamento.

17 - *ÁUSTRIA*

O novo secretário-geral da O.N.U. é um diplomata austríaco, Kurt Waldheim, que substituiu, ao «comando» da organização, desde 1 do corrente, o birmanês U-Thant.

18 - *INGLATERRA*

Consta que a rainha Isabel entregará a chefia do Estado inglês a seu filho Carlos em Abril de 1986, se vier a concordar em reformar-se aos 60 anos.

Continua muito tensa a situação na província da Irlanda do Norte onde, todavia, o Natal decorreu com certa calma, em comparação com a actividade terrorista característica dos últimos meses.

19 - *RÚSSIA*

O escritor soviético Soljenitsyne, Prémio Nobel de Literatura de 1970, pediu à Academia Sueca, que conferiu o prémio, que lhe faça a sua entrega em Moscovo, contràriamente ao que deveria ocorrer, isto é, deslocar-se a Estocolmo para o receber.

Reuniu-se em Moscovo a Comissão Internacional de Pescarias do Nordeste do Atlântico, em que participou uma delegação portuguesa.

20 - *ALEMANHA*

Celebrou-se um acordo entre a República Federal e a República Democrática (também chamadas «as duas Alemanhas») com vista à normalização do trânsito entre Berlim-Leste e a Alemanha Federal, em aplicação do acordo quadripartido (dos 4 vencedores da última guerra) sobre Berlim.

NA ÁFRICA

21 - *NIGÉRIA*

Foram fuzilados em Lagos três indivíduos acusados de roubo. Assistiram à sua execução 10 000 pessoas.

22 - *EGIPTO*

Reuniu-se o Conselho da Liga Árabe, a que assistiram representantes de 17 países, os quais debateram a ocupação de 3 ilhas do Golfo Pérsico por tropas persas.

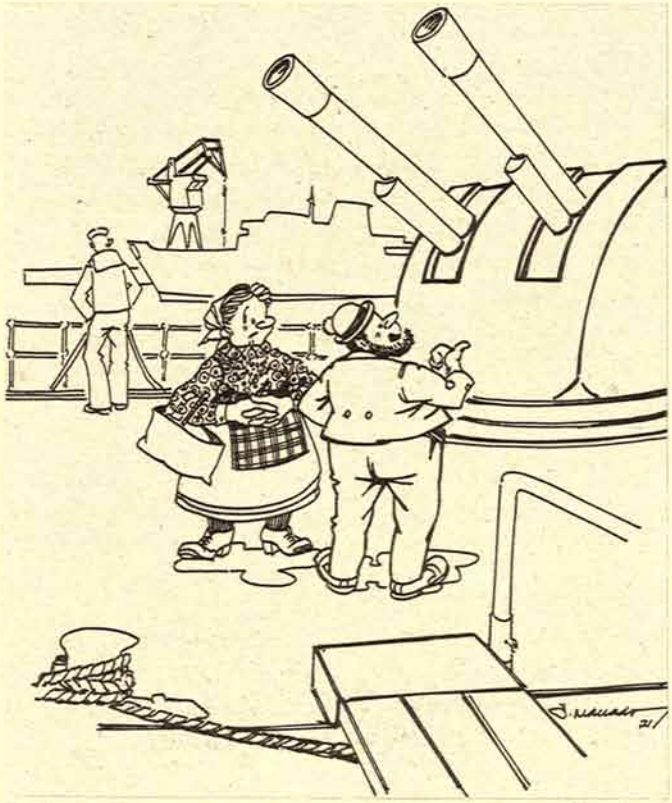
O Tribunal da Revolução condenou 77 dos 91 implicados na conjura de Maio do ano findo contra Sadat, presidente egípcio.

Os chefes do Estado dos países da Federação Árabe (Síria, Egipto e Líbia) concluíram conversações sobre a situação no Médio Oriente.

23 - *RODÉSIA*

Foi celebrado um acordo entre dirigentes ingleses e rodesianos com vista à solução da crise política do território que os ingleses consideram sua colónia e os rodesianos tornaram independente. Este acordo foi rejeitado pela Assembleia Geral da O.N.U.

quarto de folga



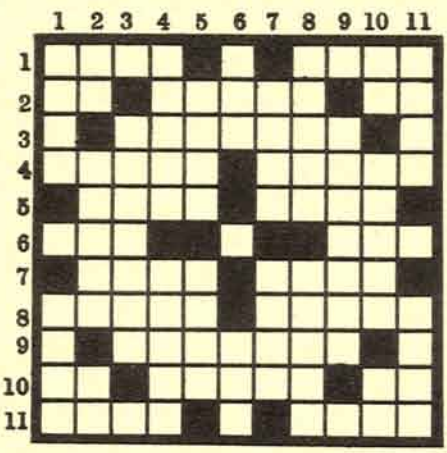
Ó Maria! Tens a certeza que este é que vai para Cacilhas?

TEM GRAÇA... Alguém, com boa disposição e com humor fez este desenho para «atrair os turistas» a Metangula – Niassa!

COZINHEIRO DE 1.ª – Desenho do comandante Augusto Soares de Oliveira

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo n.º 4)



Horizontais: 1 – Caminhas; bagos 2 – Estás; isolados; partia. 3 – Tábuas que forram o vão das ombreiras das portas. 4 – Torram; chama de algum lugar. 5 – Assim mesmo; sacola. 6 – Ainda; dama de companhia. 7 – Pedaço de fermento; aumentar. 8 – Armaduras; pôr do avesso. 9 – Ossudo. 10 – Rádio (s. q.); tratas; negação (pref.). 11 – Calcula; não acerta.

Verticais: 1 – Sentinela; de preço elevado. 2 – Campeão; local; aspecto. 3 – Acto de assestar. 4 – Pêlos ásperos e compridos de alguns animais; tecido transparente de linho. 5 – Cada um dos raios da rosa dos ventos; serra portuguesa. 6 – Adore; boi selvagem. 7 – Olás; terra portuguesa no conc. de Vinhais. 8 – Aplicava; recitou. 9 – Cabo náutico. 10 – Gemido; tombara; continuar. 11 – Cura; montão.

Por falta de espaço as soluções serão publicadas no próximo número de Fevereiro.

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Vamos publicar mais uma nova série de problemas extraídos de SCIENTIFIC AMERICAN de Agosto de 66 cuja solução deixamos à argúcia dos nossos leitores. (Serão publicadas no próximo número as soluções.)

9.º

Um cubo de gelo flutua num copo de água. O conjunto está a 0º centígrados. Fornece-se ao sistema apenas o calor suficiente para derreter o cubo de gelo sem alterar a temperatura do conjunto. O nível da água no copo subirá, descerá ou manter-se-á?

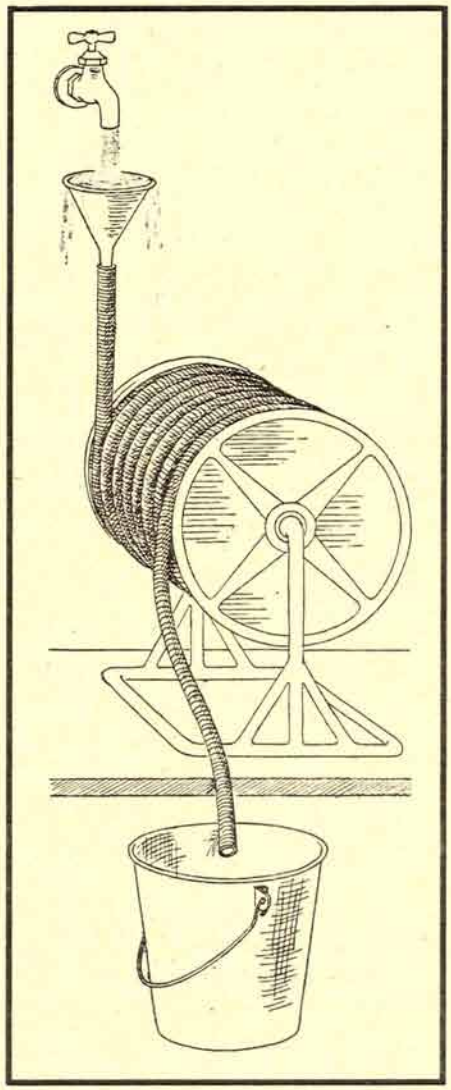
10º

Na torre de uma igreja há duas cordas de tocar dois sinos que passam por dois pequenos furos no tecto de uma sala, afastados cerca de 30 centímetros, e que pendem até ao chão, donde são puxadas pelo sineiro. A sala comunica com o campanário por meio de uma escadaria que atravessa o tecto junto à parede lateral. A porta de comunicação está fechada. Entra na sala um ladrão acrobata, com uma faca, disposto a roubar o maior comprimento possível de corda. Vê que não pode passar ao compartimento superior nem dispõe de escada para apoiar às paredes. O tecto é tão alto que qualquer queda de uma altura superior a um terço do pé direito será fatal. O ladrão só poderá contar com a sua agilidade para trepar às cordas e cortá-las tão alto quanto possível. De que forma poderá apoderar-se da maior quantidade possível de corda?

11º

Um homem vai por um passeio, na rua, à noite, e passa por baixo de um candeeiro de iluminação. À medida que se afasta, a sombra vai-se alongando. O homem caminha com velocidade constante. Nestas condições, quando o homem está mais longe, a extremidade da sombra desloca-se mais rápidamente, mais lentamente ou com a mesma velocidade, do que quando ele estava mais perto da luz?

12.º



Temos uma mangueira de jardim enrolada num tambor como mostra a figura. O tambor está em cima de um banco, perto de uma torneira. Uma das extremidades da mangueira pende para uma posição inferior onde está um balde. A outra ergue-se acima do tambor, sendo-lhe aplicado um funil para permitir recolher água da torneira. A mangueira está desobstruída, não está esganada em parte alguma e não tem água dentro. Abrindo a torneira, seria de esperar que a água fosse enchendo a mangueira e saísse pela outra extremidade para o balde. Porém, passado pouco tempo, a água reflue no funil, que deita por fora, e não sai água pela extremidade da mangueira. Porquê?

O. Lemos

CORRIDA DE TOUROS EM VILA FRANCA

Com as minhas desculpas aos aficionados, ouso declarar que não sou muito dado a corridas de touros, o que não quer dizer que não aprecie, uma vez por outra, assistir a uma dessas festas bravas.

A verdade é que não é positivamente o espectáculo que mais procuro.

A última corrida que vi do meu bolso, isto é, comprando o meu bilhetinho, está relacionada com a minha vida de marinha e, porque teve um desfecho que considero notável, espero que desperte boa disposição, embora pouco tenha de marinheiresca, tirando haver marinheiros a assistir.

Foi o caso que, quando em Vila Franca de Xira, tirei a minha especialização de torpedos, arrastado por um grupo de camaradas, fui a uma tourada castiça, na praça de touros da vila, num dia festivo, na época da sua festejada feira.

Creio que todos os leitores desta história sabem que em Vila Franca se vive, realmente, com alma e coração, a festa brava e que um grande número de habitantes daquelas regiões anseiam por terem oportunidade de se medirem com um touro, tornando realidade o que há muito, desde que se conhecem, vive nas suas almas, no seu sangue, nos seus sonhos.

Daqui resulta que, geralmente, o último touro de uma corrida de Vila Franca pertence irresistìvelmente ao público, que, quando ouve o toque vibrante da sua recolha, zomba de toda a fiscalização e, saltando para a arena, dá largas à sua fantasia.

É claro que o maior número dos «diestros» que aparecem para a «faena» pertencem à nobre estirpe dos «maltrapilhos de pé descalço», rapaziada que, a maior parte das vezes, até entra com «bilhete de cão».

Ora, na tal corrida – a minha última corrida em Vila Franca –, quando ao oitavo touro foi dada ordem de saída, pelo toque bem conhecido, o público da geral saltou à arena para «brincar» com o touro.

O animal, ao ver tantos sítios onde marrar, perdeu a cabeça e desatou a correr atrás deste ou daquele, proporcionando fugas e peripécias que despertaram naturalmente a hilaridade da assistência. Já ninguém arredou pé.

A certa altura, o animal, numa corrida doida, encontrou pela frente alguém, de aspecto pobretano, vestuário com buracos de ar condicionado, que decididamente o enfrentou e lhe fez uma pega de categoria profissional, saltando-lhe para a cabeça e não mais o largando.

É claro que o touro, que não gostou da graça, desatou a escabecear à doida, tentando livrar-se daquele empecilho, movendo a cabeça para cima e para baixo, com aquela força bruta que os caracteriza, o que obrigava o homem a sacões pouco tranquilizadores.

Quando, uns tantos aficionados, passados os poucos segundos de hesitação, se dispunham a ajudar o homem em apuros, que, sòzinho, tinha ido para a cabeça do touro, todas as suas louváveis intenções se desvaneceram e diluíram porque, em dado momento, por efeito de tantos sacões do touro, as calças do homem rebentaram e caíram-lhe aos pés, permitindo a exibição de «suas vergonhas» por falta de cuecas, que não usava, certamente por medida económica ou por ainda não se ter decidido na escolha do tecido.

A praça veio abaixo com gargalhadas.

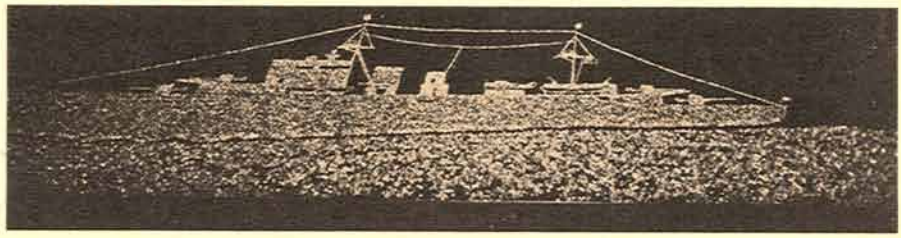
Creio que nunca me ri tanto na minha vida e o que é certo é que o valentão se viu aflito, visto que tarde o auxiliaram, pois todos tinham perdido as forças de tanto rir.

Lá foi tirado finalmente daquela situação de apuros e retirou a coberto da decência de uma capa de toureiro, o que lhe dava um ar de «senhora em trajo de baile» no que, pelo que se tinha visto... ninguém acreditava.

Cap. Zurara

CONCURSO N.º 4

Sorteio de um prémio entre as respostas certas



A fotografia representa uma reprodução do aviso de 1.ª classe «Bartolomeu Dias», feita em terras do Ultramar. Em que material está feita a reprodução?

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Vamos dar as soluções dos problemas apresentados no número anterior:

5.º – Encha o copo um pouco acima do bordo mas de forma que não derrame. A tensão superficial da água manterá a sua superfície convexa e a rolha não terá tendência a encostar ao copo.

6.º – Cada par de rodas ovais, no mesmo eixo, deve ter os diâmetros maiores desencontrados de 90º. Essa posição é necessária para produzir balanço de bombordo a estibordo. Em todo o caso, se do mesmo lado do carro as rodas (da frente e de trás) estiverem com os diâmetros maiores desencontrados de 90º não haverá balanço de bombordo a estibordo nem de popa à proa. O carro terá simplesmente movimento de arfagem para cima e para baixo apoiado primeiro no par de rodas (em diagonal) de eixos na mesma direcção e depois no outro par. Porém, se rodarmos os eixos do carro por forma que, de um dos lados, as rodas se apresentem com os diâmetros maiores a 45º (o que acontecerá também do outro lado), então o carro seguirá balançando magnìficamente em parafuso, com uma das rodas deixando de se apoiar no chão, em sequência, ocasionando um batimento de quatro tempos à medida que o carro progride. Experimentem executar um modelo e logo vêem que é verdade.

7.º – O azeite flutua no vinagre. Para deitar azeite basta destapar a garrafa e incliná-la. Para deitar vinagre, tapa-se a garrafa, inverte-se ficando com o gargalo para baixo e, aliviando a rolha, sem destapar completamente, deixar-se-á correr a porção de vinagre que se deseja.

8.º – Encoste a extremidade de uma barra ao meio da outra. Se houver atracção magnética a extremidade da barra que se encostou pertence à barra magnetizada. Se não houver, a barra que se encostou não está magnetizada. O fundamento da questão reside no facto de o magnetismo ser nulo no centro de uma barra magnetizada.

CONCURSO N.º 3

A fotografia publicada é a da sombra da ilha do Pico projectada no mar.

Vencedor: c.m.g. Amadeu Carvalho de Andrade.

GUINÉ

Fazendo Balaios

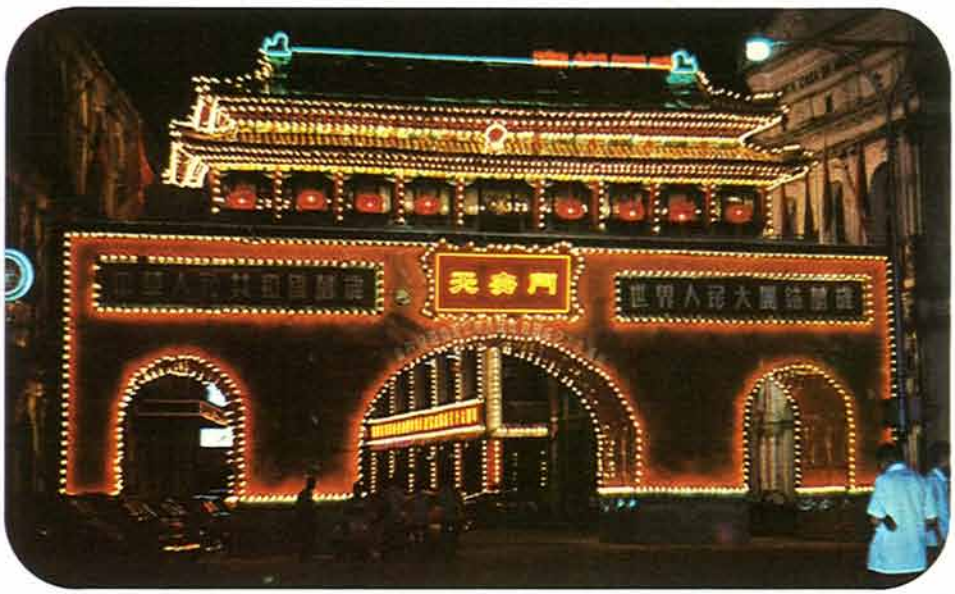
(Fotos do cap-ten. EMQ Antunes Lourenço)

METRÓPOLE

Fragata no Tejo

GUINÉ

Queimada
(Foto de M. do Vale)



MACAU

Festividades de Outubro
(Foto do 1.º sarg. L. M. Horta)